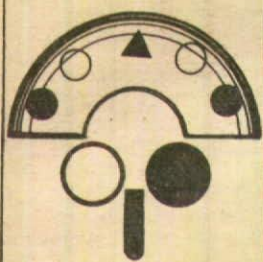
NORMA BENGELL solta o verbo: —eu não quero morrer muda

LAMPIÃO
da esquina

Ano 1 — Nº 3 — 25 de julho a 25 de agosto de 1978 — Cr$ 15,00

Leitura para maiores de 18 anos

MULHERES NA REDAÇÃO
LÚCIA RITO & ZSU ZSU VIEIRA
MARCELLO MASTROIANNI & PAUL NEWMAN:
A ARTE DE SER GUEI

- cartas adoidadas
- um poema de genet
- florianópolis, my love

- as senhoras do mangue
- os marginais do cinemão
- novas histórias de amor

LAMPIÃO

Conselho Editorial: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição: Aguinaldo Silva

Colaboradores: Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Nica Bonfim, Zsu Zsu Vieira, Lúcia Rito (Rio); José Pires Barrozo Filho, Paulo Ausgusto, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Edward Mac Rae, Mariza (Campinas); Glauco Matoso, Celso Cúri, Caio Fernando Abreu, Jairo Ferreira (São Paulo); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Beto Stodieck (Florianópolis); Alexandre Ribondi (Brasília); Sandra Maria C. de Albuquerque (Campina Grande); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre).

Correspondentes: Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armand de Fluviá (Barcelona).

Fotos: Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Valter Firmo (Rio); Dimas Schtini (São Paulo) e arquivo.

Arte: Jo Fernandes, Men de Sá, Tônio.
Arte Final: Hélio V. Cardoso e Gilberto Medeiros Rocha

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC: 29529856/0001-30; Insc. estadual: 81.547.113.
Endereço: Caixa Postal 41031, CEP 20241 (Santa Teresa), Rio de Janeiro - RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S.A. — Rua do Livramento 189/203, Rio. Distribuição, Rio: Distribuidora de Jornais e Revista Presidente. Rua da Constituição, 65/67; São Paulo: Paulino Carcanhetti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Literarte; Florianópolis: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: Ghignone.

A doença infantil do machismo

Em 1964, surgia na Última Hora do Rio uma coluna de consultório sentimental que fugia a todos os padrões adotados pelo gênero até a época: era o S.O.S. Sentimental, da irreverente e ferina Zsu Zsu Vieira, mineira nada convencional. Para se ter idéia do que seu consultório representou há 14 anos atrás, basta saber que, hoje, tem 80 mil cartas arquivadas, vindas de todo o Brasil. Numa delas se lê: "O Rei Salomão tinha 500 mulheres e 700 concubinas e a todas amou. Você hesita em amar só duas?" Foi a resposta dada a um consulente às voltas com o problema de amar duas mulheres ao mesmo tempo. ""Heterossexual militante, mulher por nascimento e vocação", como ela mesma se define, Zsu Zsu tem opiniões próprias sobre o machão. Por este artigo escrito especialmente para LAMPIÃO de Esquina pode-se saber quais são.

Qual a realidade sexual do homem brasileiro? De saída vamos desmistificar o nosso machão que não é machão coisa nenhuma, mas um pobre coitado às voltas com problemas terríveis de virilidade, afirmação pessoal e sede do domínio. Frágil, débil, condicionado há milênios a ser antes de tudo um forte, o machão se realiza muito mal no amor e só consegue salvar as aparências porque a mulher brasileira é ainda pior do que ele. Segundo dados recolhidos por estudiosos do comportamento humano, apenas dois por cento de nossas mulheres chegam a conhecer a plenitude do orgasmo, por culpa, em grande parte, do seu parceiro masculino, que as oprime de maneira intolerável e covarde.

É terrível, quase insuportável, também, a pressão que a mentalidade dominante em nossa sociedade — mentalidade de feição nitidamente conservadora e repressiva — exerce sobre as pessoas, principalmente as mulheres. Parece-me que as mulheres estão realmente conseguindo atemorizar os pobres machões, embora não seja esse o seu objetivo quando falam em emancipação feminina. Muito pelo contrário, o que as mulheres desejam não é apenas a liberalização feminina, mas também a masculina.

Forças machistas e repressoras acham que as feministas (no bom sentido) querem subverter a ordem, acabar com o homem, diminuí-lo tirar-lhe a masculinidade. O que as mulheres não querem é serem oprimidas. Aliás a repressão às mulheres tem razões bem mais profundas e complexas, razões que estão ligadas à necessidade que tem o sistema de manter o casamento tradicional como instrumento de controle do indivíduo, e coisas assim. As mulheres são condicionadas desde crianças à submissão. Todas lutando para preencher o quadro de sua vida: casar-se. Ter um parceiro é a lei, a natureza, a velha forma. São associados homens e mulheres, mas não se pode alterar a geometria do Universo com fórmulas diferentes para o ser humano? Respondo: é dificílimo, senão impossível. Os fótons irrompem de uma fonte de luz em todas as direções, pois são criados no momento e não há razões para que se movam em uma direção antes do que em outra. As moléculas do ar saem do campo de gravidade Zero em todas as direções por que entram em todas as direções. Mas o relacionamento homem e mulher não consegue encontrar nenhum registro senão no princípio da incerteza que, gerada pelo condicionamento opressor, continua difícil. Como era nos tempos idos. O preconceito, as religiões, o medo são fatores que atingem homem e mulher.

O machão tem pouca confiança em si mesmo. Ele acha lá no fundo da sua cuca, e por desconhecer como funciona realmente o mecanismo da mulher (pois nunca se detém em observá-la, sempre olhando seu próprio umbigo), que ela está mais à vontade para uma vida sexual intensa por não ter, inclusive, o problema da ereção. Os homens, inseguros, desinformados, condicionados, têm um grilo incrível com relação a esse fator. Acham então, que o melhor é reprimir a mulher, pois ela pode até se sair muito melhor do que a maioria deles. Os machões têm medo de que a mulher descubra esse potencial e se transforme numa "leoa sexual", deixando-os para trás.

Por isso, muitos machões, quando se casam, procuram não estimular em demasia suas mulheres, com receio de não poder satisfazê-las. Em casa é aquela relação física contida, morna, mas na rua vão procurar as "leoas" que os assustam de tal forma, que os deixam de rabinho entre as pernas. E voltam para casa e continuam reprimindo suas mulheres, fazendo tudo para que elas rendam menos do que eles, fazendo o impossível pra esfriá-las um pouco — ou muito. Com medo e pouca confiança em si mesmos. E como para os machões o sexo é um dos principais motivos de afirmação pessoal, então o negócio é não deixar que, nesse campo, a mulher o supere.

Apesar da mulher em geral, ainda ser tão alienada de seus direitos e de sua força, já há um movimento feminino produto de uma geração liberta, com grande abertura de cuca e visão mais nítida de que a liberdade, que tanto serve ao homem como à mulher. Sem ser feministas, uma enorme gama de mulheres está cansada da machice, prepotência e despotismo. E penso mesmo que os homens também estão cansados de ser machões, mas não abrem. As mulheres estão carentes de homens sensíveis, que as compreendam, sem fazer ressalvas e rodeios quanto à sua individualidade. Homens que não revelem uma espécie de receio com relação à moral e ao moralismo (falso) da sociedade, que foi criado pelos homens. Nos fronteiriços do homossexualismo é que certo tipo de mulher (cuidado, por que são muitas) se refugia para tentar um relacionamento menos difícil, por serem os fronteiriços geralmente amáveis, delicados, mais chegados à sensibilidade feminina. Não há necessidade de que sejam atletas sexuais; basta que os homossexuais de cuca não pratiquem o intolerável exercício da opressão. Essa categoria de mulher aproximando-se dos fronteiriços, coloca-se diante de um tipo novo de comportamento. Essa mudança pode acarretar ainda mais a reação dos machões, cada vez mais inseguros, mas que têm que refletir demoradamente sobre a sua maneira de ser: subdesenvolvidos no amor.

Acabar — homens e mulheres — com certos e graves tabus, e lutar contra o medo e contra a deturpação que nos foi sempre imposta. Eu pergunto: onde está a liberdade? No nosso próprio corpo. Fonte de prazeres e de dores, o corpo é, na verdade, a única coisa que nos pertence verdadeiramente. Por isso devemos e podemos usá-lo para nossa própria satisfação, da maneira que bem quisermos e entendermos. Esta é a liberdade a que realmente temos direito, a única, talvez. O corpo é a nossa casa, nosso abrigo, é nosso direito legítimo. Podemos usá-lo e dispor dele, sem a obrigatoriedade de limitações, prestações de contas, submissões e pressões.

Zsu Zsu Vieira

Do Regina Coeli às coisas da vida

No meu tempo de colégio de freiras falar em sexo era proibido. Éramos treinadas para encarar nosso corpo como uma fonte inesgotável de pecados, ao ponto de sermos obrigadas, entre outras coisas, a usar uma ridícula camisola de xadrez, para escondê-lo na hora de tomar banho.

Tudo isso deixou marcas profundas que só o tempo e a vivência foram minimizando. Entretanto, ao fazer uma reportagem sobre o Mangue e as prostitutas cariocas, a primeira coisa que me veio à cabeça foram os ensinamentos que recebi no austero Colégio Regina Coeli, no Alto da Boa Vista, que freqüentei em regime de internato, vinte anos atrás.

Talvez tenha sido até o desejo inconsciente de conhecer de perto um lugar onde o sexo é a atração principal, que me levou a insistir em fazer a reportagem. Acredito, inclusive, que não só eu, como a maioria das mulheres, sempre quis ver de perto como se comporta uma prostituta e o que faz com que ela entregue seu corpo a qualquer um em troca de dinheiro.

Confesso que foi com um pouco de medo que entrei naquelas ruas tão faladas. Mas a medida que ia caminhando e conversando com as prostitutas, o medo desaparecia. Nos quatro dias que passei no Mangue a prostituição ganhou para mim um novo significado.

Me surpreendi em encontrar lá mulheres com opiniões bastante lúcidas sobre o amor, o papel da mulher no mundo atual e até mesmo a importância do tipo de trabalho que realizam numa sociedade ainda tão repressiva como a nossa.

Muitas delas lembram mulheres típicas da classe média. Têm marido, filhos e abandonam tudo para vender o seu corpo no Mangue, onde nada é proibido. Não sentem nenhum pudor ao falar o que pensam. Utilizam o corpo como uma mercadoria e não se envergonham com isso.. Dentro de sua lógica, é um trabalho como outro qualquer. Saindo dali, elas têm outra vida, casa para cuidar, comida para fazer, como qualquer mulher.

Isso não significa que eu esteja fazendo a apologia da prostituição, mas também não pretendo condená-la e, através de uma ótica simplista, classificar suas seguidoras de anormais. Na verdade, a "zona do Mangue", com suas 1.500 prostitutas, só existe por causa da miséria, da desinformação, da falta de oportunidades iguais e melhores de vida para todos.

Poucos dias depois de apurar a reportagem, uma das prostitutas me telefonou. Queria me dar uma boa notícia: ia casar dentro de uma semana. Espantada, e ao mesmo tempo contente por ela, perguntei se agora ia deixar a "zona". Disse que não, "o rapaz freqüenta o lugar e não se incomoda com a minha profissão".

Tanta espontaneidade me comovia, mesmo sabendo que ela e todas as outras, quando falam de sua triste profissão, não deixam de enfatizar que estão nela por falta de opção melhor. Como qualquer ser humano elas se sentem humilhadas pela maneira como são tratadas pela população. E são poucas as que percebem que prostituta não é só a mulher que vende o corpo na zona.

Lúcia Rito

(Leia na página 7 reportagem de Lúcia Rito sobre as senhoras do Mangue).

Desafio aos cartunistas

Quando as onze pessoas que formam o Conselho Editorial de LAMPIÃO da Esquina assumiram o "compromisso histórico" de lançar este jornal, ficou decidido que a idéia não seria antes refinada pelos filtros da teoria. Assim, ao contrário da maioria dos *nanicos* de nossa imprensa, LAMPIÃO teria como objetivo primeiro — e a imagem não é vã — renascer a cada número, entendendo-se, neste caso, *renascimento* também por renovação. Dessa forma o jornal passou, da linguagem séria do nº zero, para um tom descontraído que, no nº dois, provocou cartas as mais diversas — furiosas de alguns leitores, outras de apoio.

Uma coisa, nas muitas críticas que até agora nos fizeram, é certa: falta humor em LAMPIÃO, além daquele dos que o editam; onde estão os cartunistas, os chargistas desse país, que ainda não perceberam a importância desse veículo? Será que não existe nenhum (deus) disposto a contestar as fórmulas rígidas do mercado machista e partir para um humor mais descontraído e realmente demolidor, somente possível num jornal capaz de jogar com a ambigüidade como o nosso?

Fica o desafio. A partir do nº quatro LAMPIÃO contará com um artista da maior importância: Patrício Bisso, que já começou a desenhar uma série de rubricas — ou *selos* — para as nossas páginas. Quando será que um dos bons cartunistas do Brasil ousará seguir o seu exemplo? Nossas portas — se é que as temos; seria melhor falar de varandas abertas para o mar — estão abertas.

LAMPIÃO da Esquina

Marcello Mastroianni e Paul Newman ensinam

A difícil arte de ser guei

Alguém consegue imaginar Marcello Mastoianni, o latin lover, **no papel de um homossexual, constrangido com as investidas de Sophia Loren? Pois é assim que ele estará em breve nas telas brasileiras, no filme** Um Dia Muito Especial, **pelo qual concorreu ao Oscar. E Paul Newman? Ele está à procura de um produtor que financie um filme no qual terá um caso amoroso com (pasmem!) o filho mais velho dos Waltons, aquele seriado da TV. Os dois, nessa reportagem (LAMPIÃO, exclusivo), dão explicações ao público.**

Mastroianni foi descoberto no teatro por Visconti, na década de 40. Com o mesmo Visconti — e nisto não vai maldade nenhuma — ele abriu e fechou o ciclo de ouro de sua carreira no melhor cinema italiano de fins dos 50 e início dos 60., Entre Noites Brancas (com Maria Schell, 1957(e O Estrangeiro (com Anna Karina, 1967), seus grandes papéis com diretores como Bolognini, Malle., Fellini, Antonioni ou Zurlini contribuíram para criar uma certa imagem do homem moderno europeu, sem a qual seria difícil conceber boa parte do cinema de reflexão que nessa época veio substituir ou completar o cinema espetáculo.

Hoje o cinema europeu já não o solicita, como ator, da mesma forma. Já se foram os dias em que um certo romantismo aveludado — como sua voz — envolvia obrigatoriamente seus personagens de homem sensível, muitas vezes intelectual (escritor em A Noite, cineasta em 8 1/2, homem de teatro em Vida Privada, antiquário em O Assassino, jornalista em Dois Destinos e A Doce Vida) Na década de 70, o que melhor pode caracterizar a chamada screen persona de Mastroianni é sua colaboração freqüente com Marco Ferreri — o diretor menos glamuroso que a comédia iconoclasta italiana foi inventar — em filmes como La Grande Bouffe, Liza ou o recente Ciao Maschio.

E em matéria de iconoclástia, Mastroianni nunca fez por menos. Para começar, existe; seu célebre casamento (30 anos) com Clara Florabella, que não impediu duas escapadas mais conhecidas porque projetadas da vida real aos filmes. A primeira, menos prolongada e feliz na tela, foi com Faye Dunaway: rendeu Um Lugar para os Amantes, o xarope mais descarado que Vittorio de Sica dirigiu para ele, juntamente com Os Girassóis da Rússia (com Sophia Loren). A segunda mais séria e produtiva, deu um filho e três filmes com Catherine Deneuve.

Quem convenceu Mastroianni a aceitar o papel de *Um Dia Muito Especial* foi sua velha parceira Sophia Loren. É ele quem explica: "Sophia, que é muito inteligente, leu o roteiro e me disse que eu devia aceitar. Ela insiste em que o papel mudaria minha imagem. Quando eu descobri que seria um homossexual na história, respondi que ela me queria no papel porque não ia ser obrigada às eternas cenas de amor. Ela riu e disse que todo homem tem um lado homossexual, e que esta era a minha chance de explorar o meu"

O filme se passa num único dia 6 de maio de 1938, quando Hitler foi a Roma acertar seu pacto com Mussolini. Antonietta (Sophia), uma dona-de-casa pobre que arrasta sua vida com um marido grosseiro e seis filhos, está sozinha porque todos foram saudar os ditadores. Seu passarinho escapa para o apartamento vizinho, e ela conhece Gabriele (Mastroianni), comentarista de rádio desempregado por acusações de indefinição política e homossexualismo.

Comenta o diretor Ettore Scola, para quem 90% dos italianos ainda comunicam à senhora que "chegou a hora" com uma mão pespegada ao traseiro: "Sob o fascismo, a mulher era reconhecida apenas como reprodutora. Seu único papel na sociedade era o de esposa e mãe exemplar. No regime fascista, o homossexual foi algo de absolutamente intolerável, podendo ser despedido e até obrigado a viver em áreas especialmente designadas."

Como Mastroianni se preparou para o papel? "Não precisei ensaiar muito", começa a explicar. "Pensei comigo mesmo: sou um homossexual, estou envelhecendo e portanto tenho medo de perder minha juventude e beleza. Sou também mais sensível que a maioria dos homens. Sei, naturalmente, que estes são estereótipos, mas são os que eu escolhi. Eu não quis interpretar Gabriele como um afeminado ou palhaço. Pelo contrário, ele é um homem como outro qualquer, e que apenas gosta de homens, e não de mulheres."

Antonietta, a mulher sob muitos aspectos irrealizada e que não tem uma vivência plena de suas próprias possibilidades, encontra em Gabriele um homem muito diferente do marido, e a inevitável cena de amor teve de ser novamente enfrentada por Sophia e Marcelo. "Foi a cena mais difícil para mim", diz ele. "O *set* ficou iluminado e preparado um bom tempo. Sophia, de pé comigo no fundo da cena, me diz que eu devo tentar fazer o amor com ela para ver como é com uma mulher. Ela me trata como um homossexual e eu confio nela. Quando começamos, eu estou pensando como um homem que quer muito agradar à companheira e ter também prazer, mas ao mesmo tempo gostaria de estar com outro homem."

Mastroianni *diz que o filme* lhe deu uma nova compreensão e um novo respeito pelos homossexuais. "Hoje eu já toco mais em meus amigos homossexuais. Antes, sempre havia alguma coisa que me dizia para não chegar muito perto deles. Eu já tenho 54 anos, mas ainda há homossexuais — inclusive entre os meus amigos — que querem fazer sexo comigo, para dizer que foram para a cama com Mastroianni. Eu não entendo porque um homem pode me querer, mas é o que acontece, e agora, em vez de ficar indignado ou com medo, ou pensar que devo ter feito algo errado, fico até um pouco lisonjeado. Pela primeira vez, consigo entender como seria se fizesse amor com outro homem."

★ ★ ★

O sucesso de público e crítica de *Um Dia Muito Especial abriu* o olho de vários gososões do cinema americano, que só esperam agora ver se o filme tem no interior do país a mesma aceitação que teve em Nova Iorque e Los Angeles para interpretarem papéis semelhantes.

São raros, no cinema anglo-saxão, os casos de grandes intérpretes vivendo homossexuais. Mas existem exemplos como os de *Peter Kinch* — candidato ao Oscar em 1971 por *Domingo Maldito* —, Rod Steiger (Na *Solidão do Desejo*), *Marlon Brando*)*Os pecados de Todos Nós*). Richard Burton e Rex Harrison (*Os delicados*, baseado na peça encenada no Brasil com Sérgio Viotti e Jardel Filho, sob o título de *Os Queridinhos*).

Paul Newman, vejam só, queria entrar na pele de um treinador gay para se apaixonar pelo atleta Robert Redford, no que seria o terceiro ataque da dupla às bilheterias do mundo inteiro, após Butch Cassidy & Sundance Kid e Golpe de Mestre. Bob, no entanto, achou que seu amigo estava "indo muito longe" e recusou a proposta, como vários produtores a quem o roteiro foi apresentado até hoje em 12 versões diferentes.

Newman se diz cansado dos papéis repetitivos que vem encarnando, e se agarrou ao livro de Patricia Nell Warren, The Front Runner, enfrentando inclusive o receio muito profissional de seus market-men. Newman defende com unhas e dentes o interesse do roteiro a que chegou: "Não vou tolerar qualquer adulteração. Não quero que este projeto seja transformado numa história de amor cor-de-rosa, nem que o atleta seja uma mulher, como já sugeriram pessoas que deviam saber melhor das coisas. Sei que muita gente não vai querer trabalhar comigo neste filme, na frente ou atrás da câmera, mas conto com aqueles que querem fazer algo que valha a pena. Algo diferente e desafiador, e talvez um novo ponto de partida para o ator que quer se livrar de uma rotina lucrativa mas desgastante"

Novas histórias de amor (II)

A matéria do Antônio Chrysóstomo no número dois, *Algumas Histórias de Amor*, onde ele conversa com um casal de homossexuais masculinos, consegue tocar numa tecla interessante e de som bastante desconhecido: a monogamia. Eu, particularmente, acho que o assunto dá pano para manga. É claro que não chega a ser uma novidade (onde encontrar uma, meu Deus?), principalmente porque os movimentos de liberação homossexual, tanto dos países europeus como nos Estados Unidos, têm gastado muitas de suas reuniões para discutir o problema. Mas, na verdade, é problema? Para alguns sim, porque um casal homossexual implicaria necessariamente em copiar padrões da classe média, com suas formas já bem definidas de viver socialmente. Para um militante político, hetero ou homo, seria desaconselhável seguir estas normas.

Em Hamburgo, na Alemanha, conheci um casal de rapazes, já de meia-idade, que dirigiam um restaurante tipo "faça de conta que é a sua sala de jantar", às margens do rio Elba. Um deles, que já havia sido bailarino, abandonou a carreira para viver ao lado de quem amava — mas ainda gostava de atender os fregueses com roupas de leve tom exótico e delineador para realçar os olhos. Mesmo sem perguntar, era possível estabelecer bem os papéis neste jogo de quem vai ser quem: o bailarino era muito mais feminino que o seu parceiro, relaxado e gordote. Sempre tive curiosidade de conversar com eles, apresentar-lhes um rol de perguntas, mas apenas observava-os quando saíam para passear com os cãezinhos na coleira. Tinham um ar ar ridículo e feliz. No inverno europeu, fechavam casa e restaurante e iam se divertir no Caribe erótico. Diziam que, um dia, gostariam de conhecer o Brasil.

Então a coisa fica assim: um par homossexual tem um feminino (passivo, que gosta de frescuras) e outro masculino (ativo, viril, relaxado). Mas será que todos os homossexuais são presas tão fáceis de um jogo de domínio e submissão? Ou então seria possível, e até fácil, compreender que não se está mais brincando de papai e mamãe e, sim, tentando viver sinceramente a dois — dois homens, onde ninguém é hipoteticamente mulher?

Brasília, dizem, é local ideal para os pares — o que não deixa de ser verdade. A cidade é vazia, fria e triste — o que não deixa mentira. Aqui, certamente, há casais homossexuais. Pode-se vê-los na sauna do Hotel Nacional, nos teatros, nos bares e nas buates. E também é sempre possível estabelecer o mesmo esquema: um é mais viril e o outro, digamos, mais *raffiné*. Costumam usar um crucifixo ou uma medalhinha de Nossa Senhora no pescoço. Nunca perguntei, mas parece que já se torna convenção, senha, sinal de cumplicidade. Dificilmente se encontra um par onde as funções não estejam tão delineadas. Fiquei curioso e procurei. Acabei achando, pedi para conversar com eles e me convidaram a ir à sua casa para um bate-papo.

Fui. Os dois vivem juntos há cinco anos. A.V. é professor e tem 25 anos. R.C. é jornalista de 27 anos e ainda estuda. Moram em um apartamento bem decorado, com muitas almofadas, fotos e *posters* nas paredes, pequenos objetos curiosos espalhados pelos quartos, muitos livros e discos. Vêm de famílias classe média, os dois, e não escondem isto: têm até uma empregada para a limpeza. A conversa, de início, seria apenas sobre a monogamia mas acabou resvalando e discutiu-se outros pontos que tanto eles como eu julgamos importantes. Valeu a pena. Vejam o que dizem, por exemplo, sobre a vida a dois:

"Eu acho que o homossexual, vivendo uma sensação muito forte de culpa, tem tendência a se auto destruir. Então, não consegue acreditar que um relacionamento possa incluir amor, carinho, partilha. Nunca aprendeu isto. Nunca ninguém lhe mostrou que o amor entre duas pessoas do mesmo sexo possa ter algo mais além de apenas sexo, que é muito bom, claro, mas não basta. Vive sempre de galho em galho. Comigo era assim e eu sei que sempre acabava com uma incrível sensação de frustação, de oco por dentro. E outra coisa, eu era muito efeminado, sabia disto e não conseguia controlar esta manifestação de neurose. Agora não. O meu comportamento mudou por inteiro." (A.V.)

"A monogamia é aceitável na medida em que ela reforça os casais (não seria essa a palavra exata, mas em todo caso...), os pares, talvez, na superação de seus problemas sociais. Você não se sente só contra o mundo, há um amigo que te respeita e em quem você pode confiar abertamente. Agora, se esse relacionamento é neurótico, em que a função de um é idêntica à do "marido machão" e a do outro idêntica à da "mulher submissa", aí as coisas mudam de figura. Infelizmente, a maioria dos homossexuais têm a mesma concepção burguesa de casamento e busca no companheiro ou companheira o que o noivo ou a noiva busca no casamento: a falsa estabilidade." (R.C.)

Uma das acusações que mais se faz a um relacionamento homossexual é quanto à sua anormalidade biológica. É um acasalamento estéril. Eles acham o seguinte:

"O problema da procriação é um negócio que não me preocupa. Acho que posso perfeitamente ter um filho. Há pessoas que não podem, tanto mulheres quanto homens e isso para eles, às vezes, é terrível. Mas se eu não fizer um filho, estarei fazendo outras coisas, igualmente. O mito da fertilidade funcionou numa época em que havia falta de braços para o trabalho. Hoje, a mão-de-obra está desperdiçada, não vejo porque se desespera em ter filhos. O prazer de se ver na pessoa do filho é doentio, é fetichista e é mítico." (R.C.)

"Eu já me preocupei com isto, sim e me sentia tão mal como um cego que quer deseperadamente ver, ou como um paralítico. Mas também concordo que a procriação chega a ser uma atitude egoista. E, independente de ser homossexual ou não, não me sinto à vontade em fazer um filho e pô-lo neste mundo. Antes deste meu relacionamento, vivi com uma mulher e tínhamos muitas discussões sobre filhos. Ela queria, eu não. Se for o caso, eu adoto um." (A. V.).

A família é sempre outro problema. Conheço um rapaz daqui de Brasília que, um dia, informou à família que dava o que era dele, arrumou as malas e foi viver com seu companheiro. Para R.C. e A.V. a coisa fica assim:

"Tanto com a minha família quanto no trabalho eu tomo a seguinte posição: não proclamo que sou homossexual mas também não escondo. Vê quem quiser ver. Não me sinto na obrigação de dar satisfação de minha sexualidade a ninguém. Eu estou fora de casa desde os 15 anos, mas minha mãe uma vez foi informada por um amigo das andanças do filho. Ela considerou a coisa uma fofoca e arquivou. Meu irmão, que também mora aqui em Brasília, sabe e aceita muito bem. Mas não pensem que fico agradecido a ele. Acho que agi apenas corretamente. Outro irmão meu, quando me viu na cama com um amigo, ele estava olhando pelo buraco da fechadura, imaginem, ficou tão desparafusado que conseguiu se autolobotomizar e dizer para minha mãe que me havia visto fumando maconha com o rapaz. E ainda hoje acredita que o que viu foi isto. Quanto ao meu pai, não sei de nada. Uma vez, quando eu tinha meus doze anos, disse-me que eu tinha jeito de moça e nunca mais tocou no assunto." (A.V.)

"Minha família, acho que sabe. Também nunca me envolvi em debates. Minhas atitudes são naturais com eles. Às vezes penso, e acho que tenho certeza, que eles fazem até questão de não admitir isto em mim. Basta o meu primo que já é bastante conhecido na cidade onde eu morava antes. Mas pelo menos um irmão e uma irmã sabem com certeza e não se importam. Mas em geral uma coisa é certa: eles esperam ardentemente que eu me case. É o normal. Acho simpática essa posição deles, não me aborrecem e nem eu os aborreço. Há coisas que não precisam ser ditas em família, aprendi isso com meu pai." (R.C.)

E sobre um possível movimento de liberação homossexual?

"Acho seríssimo o assunto. Porque se eu particularmente consigo viver bem com minha condição, sinto-me feliz com meu companheiro e posso até me imaginar daqui a uns vinte anos ao lado dele, não faz sentido que eu me cale aí. Uma experiência não pode ser estanque, precisa ser demonstrada. Tenho vontade de mostrar às outras pessoas o que eu consegui e o que é possível ser feito. Eu participaria de um movimento que se propusesse a reeducar o homossexual e a fazer com que ele se respeite. E minha opinião é de que o **Lampião** está no caminho certo." (A.V.)

"No Brasil, o movimento de liberação homossexual ainda não deu o passo decisivo para o seu reconhecimento. Acho que muitas coisas boas têm sido feitas: o aparecimento do **Lampião**, por exemplo, mas não é tudo. É preciso uma conscientização política que enquadre as reivindicações dos homossexuais como sendo algo necessário e prioritário no conjunto de medidas que visam a libertação de grupos oprimidos.

A alienação dos homossexuais dos seus problemas é um ponto que deve ser atacado com todas as forças. A faceirice dos que afirmam não possuir nenhum problema de discriminação social me irrita. É alienação pura, não tem outra palavra. Não basta ser bem recebido nos salões de beleza, no teatro, para se considerar como homossexual aceito. Há uma relutância em todos os setores, inclusive por parte dos progressistas desse país, em colocar o homossexual como indivíduo normal que paga impostos e interage no processo social e político do Brasil.

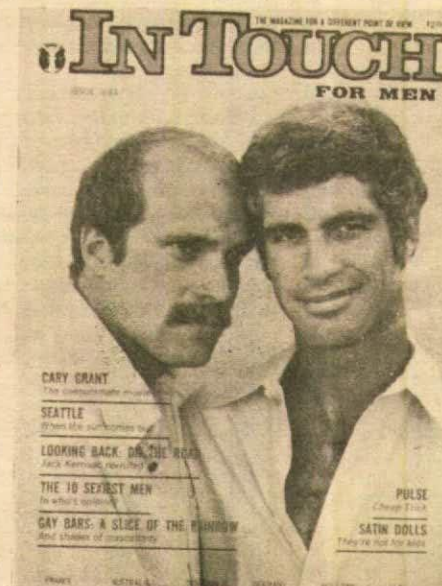
Sem a desmistificação da bicha artista não se pode deter a degradação do homossexual, que o torna mais um objeto de consumo, como a mulher, o índio e o negro folclóricos." (R.C.) — **(Alexandre Ribondi)**

Uma questão de cultura

"Qualquer revista deve a si mesma e aos seus leitores um momento para definir sua posição e tornar clara a sua filosofia editorial. Nós achamos que ser homossexual é ser normal; que os homossexuais têm uma cultura na qual os heterossexuais existem apenas perifericamente, tal como os homossexuais no mundo heterossexual. Nosso alvo é informar e entreter, nós deixamos a militância aos militantes e a pregação aos pastores. A única bandeira que empunhamos é aquela que reafirma os aspectos positivos do ser homossexual". O que você sempre encontrará em nossas páginas é uma reafirmação: de que há 20 milhões de nós espalhados por este país, portanto, você não está só; de que cada um de nós é uma parte deste todo; e de que ser homossexual é tão comum quanto ter olhos castanhos ou ser canhoto."

*A revista norte-americana **In Touch**, 60 mil exemplares bimestrais, dirigida ao público masculino homossexual, abre um de seus números com este editorial. Tal como a sua concorrente **Blueboy** (veja LAMPIÃO nº 2), ela é uma **Status** versão guei, "made in USA", contendo seções fixas, matérias variadas e sempre adornada com fotos de nus masculinos. Seu conteúdo oscila entre supérfluo ("Os dez homens mais **sexy** do mundo") e matérias de interesse, geralmente bem redigidas, tais como: "Oscar Wilde", de Robert K. Martin, que endossa o testemunho pessoal de André Gide em "Se o Grão Não Morre". Martin, diz que Wilde foi condenado na Inglaterra vitoriana, não tanto por praticar "o amor que não ousa dizer seu nome", quanto por fazê-lo público (a matéria tem esta epígrafe: seu "crime" não era tanto ser homossexual, mas se comportar como tal) e por ter confiado cegamente em certos amigos, em especial, no mais íntimo: o lorde Alfred Douglas, cujo pai foi seu principal acusador, e em certos rapazinhos que vieram a testemunhar contra ele com o mesmo entusiasmo com que antes frequentavam o seu círculo. Gide em seu livro realça a dependência psicológica de Wilde por Douglas na época, e enfatiza o contraste entre os dois-Wilde, inteligente, sensível, e Douglas, frívolo, egoísta.*

Outras matérias destacáveis são: "A Cultura Gino-Guei", que analisa a contribuição das mulheres à cultura homossexual; "A Cidade Esmeralda", um novo programa de TV por cabo de Nova Iorque feito por e sobre gueis, no qual pela centésima vez (nos EUA) se desfaz a lenda (ainda muito em voga no Brasil) de que os homossexuais se dividem em passivos e ativos; em "Cary Grant" se desmitifica um ídolo. Há, ainda, várias reportagens com artistas entendidos e seus trabalhos de fotografia, desenho, pintura, escultura.

*Entre as seções fixas, a mais interessante é a "people" (Gente), que apresenta as experiências profissionais de pessoas comuns: um jovem descendente de italianos já fez de tudo, foi barman, strip-teaser e go-go-boy em boates, foi balconista de várias lojas e vendedor ambulante, iluminador e sonoplasta em teatro. Entre esses e outros empregos ele sonha ser artista. Bernie Orlando vive se embaraçando, literalmente, pois ganha a vida em **shows** circenses se livrando, em tempo recorde, de cordas, camisas de força, correntes atadas com cadeado, sob um peso de chumbo, no fundo de um aquário, e ainda vestido como um travesti caricato. Bernie é sempre um sucesso e declara que gosta muito do que faz. Dean Tait tira seu sustento de seu próprio corpo, ganhou prêmios em concursos de halterofilismo e daí passou a ser convidado com frequência para exibi-lo no teatro, cinema e literatura pornô. Para manter seu sustento, Dean tem que fazer dieta permanente, treinar quatro horas por dia, e já fez até aplicações de silicone para aumentar certas partes do corpo que ele considera fundamentais para a sua boa apresentação, já que seu corpo é o seu "único" instrumento de trabalho.*

*Outras seções fixas: "Introducing" (Introduzindo), a seção de nus, procura apresentar os rapazes com naturalidade, revelando seus nomes, origem, profissão, idéias, anseios, enfim, mostrando gente que tem alma além do belo corpo (evitando confundi-los com bonecos inflados a silicone); "Nightlife" é um roteiro da vida noturna das principais cidades dos EUA; "World Report", críticas e informes dos principais eventos turísticos em transcurso no mundo. Nada sobre o Terceiro Mundo (por enquanto). **In Touch**, revista bimestral, 100 pg., PO Box § 1228, Hollywodd __ Ca. __ USA. (**Paulo Sérgio Pestana**)*

Os múltiplos talentos de Ivan Lessa

O texticulo abaixo saiu na seção de cartas do Pasquim, em resposta à missiva de um dos seus leitores:

Sabe donde estou lidando com tua carta, Osva? Do mictório público de Piccadilly, onde acontecem coisas que até o Norival Cheio-de-Varizes, aquele que politizou todo o corpo editorial das revistas Mundo Gay e LAMPIÃO repudiaria como nefandas abominações! Isto foi a coisa mais importante que aconteceu em tua vida, Vadinho. Não é triste, não é chato? Sabe como é o corpo editorial das revistas Mundo Gay e LAMPIÃO? Igual a qualquer outro, só que com uma bunda DESTE TAMANHO!"

Ah, ah, ah! Engraçadíssimo! Esse rapaz, Ivan Lessa, que escreveu essa piada, tem mesmo invencionices e prendas verbais de sustança. Mais engraçado ainda é que já houve rumores de que ele saberia, por experiência própria, que a anatomia dos homossexuais tem partes mais interessantes que a traseira. Isso, claro, há uns vinte anos atrás, quendo o Lessinha, recém-chegado ao Rio, era uma graça de modelito, esbelto e cadeirudo. *Mais precisamente*: nos tempos em que ele frequentava o restaurante La Gondola, na Rua Domingos Ferreira, em Copacabana, onde sempre se sentava à mesa do venerando Ziembinsky. *Aliás*, eu soube que o Zimba está seriamente inclinado a contar essas coisas todas num livro. Ah, ah, ah! Com admiração (pelos múltiplos talentos de Ivan Lessa). *Rafaela Mambaba*

Noticiário esportivo (1)

Rousseau

Circula nos Estados Unidos um filme, ainda não exibido no Brasil, no qual um técnico de atletismo prepara um atleta para disputar a prova de decatlo nas Olimpíadas. O tema seria suficientemente vulgar para despertar desinteresse se as duas principais personagens não fossem homossexuais vivendo juntos, o que provoca um escândalo no país e no exterior. Por fim, o atleta, apesar de toda a campanha contra, consegue a medalha de ouro.

O filme quer mostrar, e o faz muito bem, que qualquer pessoa pode exercer qualquer tipo de atividade humana, independente de sua preferência sexual. O cronista esportivo do JB, José Ignácio Werneck, pensa diferente. Para ele, o homossexual deve dedicar-se somente a atividades "mais adaptáveis ao seu comportamento", tipo cabeleireiro, manicure, pedicure, calista, costureiro...

Pelo menos é o que José Ignácio deixou claro em sua coluna do dia 7 de julho. Lá encontramos esse primor: "Foi a Copa que perdemos empatando. De hoje até 1982 muito trabalho precisará ser feito no futebol brasileiro. É preciso impedir que este hediondo Campeonato Nacional leve de vez os clubes à falência, pois sem clubes não há jogadores, e a Seleção, mesmo com preparação longa e importação do aparelho Nautilus, será sempre o reflexo dos jogadores que possuímos. É preciso nos clubes reformular as escolinhas de futebol, atualmente em grande parte entregues a incompetentes e, pior, incompetentes homossexuais".

O colunista do JB não precisava ser tão preconceituoso. José Ignácio encontra um bode expiatório: são os homossexuais os culpados pela derrocada de bem-amado futebol brasileiro. São eles que estão acabando com o nosso querido futebol.

Pelo que sei, o brilhante e elogiado técnico Cláudio Coutinho é um senhor de comportamento muito "normal", não-divergente. O Coronel Cavalheiro, o mesmo que vive a ameaçar jornalistas com prisão, é heterossexual. O Almirante Heleno Nunes, presidente da Arena no Rio, também o é. Os nossos jogadores exportaram uma imagem de machões e rapazes bem casados. Uns verdadeiros soldados. E se não bastasse tudo isso, não se conhece muitos casos de treinadores ou mesmo jogadores homossexuais.

"Jogadores de bola", quadro de Rousseau

Mas é mais fácil descobrir-se num homossexual o culpado de tudo. O cronista do JB adjetiva a palavra **incompetente** com a palavra **homossexual**, ressaltando que esta é muito pior. Para ele, o treinador pode ser incompetente, como incompetente mostraram-se os integrantes da comissão técnica da Seleção e os dirigentes da CBD. O que não pode ser é homossexual. Podem todos ser incompetentes mas incompetentes heterossexuais.

Nisso o José Ignácio Werneck não difere quese nada dos inquisidores medievais. Quando estes, nas suas funções de caçadores de heréticos, queriam ampliar a seção de torturas e condená-los à pena de morte. Acresciam à acusação a palavra sodomita ou homossexual. Era forca, seguida de fogueira na certa. Tanto que na língua inglesa, a qual o crônista conhece tão bem, a palavra **Buggery**, quer dizer tanto **heresy** quanto **sodomy**, e o termo **bugger, herectic** e **sodomite.** (*Alceste Pinheiro*)

Noticiário esportivo (2)

Há pouco mais de um ano, em Porto Alegre, Volmar Santos, gerente da boate guei **Coliseu** e amante do futebol, resolveu "renovar o modo de torcer" no Rio Grande do Sul. Para isso, reuniu um grupo de rapazes de 20 a 30 anos — cabeleireiros, bailarinos e maquiladores, principalmente —, e passou a treiná-los nas tardes de sábado, na boate, pois, segundo ele "bicha não entende nada de futebol, não sabe nem o que é o Grêmio, nem o que é o Internacional; tem de ser ensinada até a torcer por um ídolo do time". Volmar faz questão de acrescentar: "Nós só queremos é animar a torcida do Grêmio; não somos uma vanguarda do movimento guei, com o qual, entretanto, concordamos — claro —, mas isso é outra história."

O objetivo da organização era conseguir 200 adeptos, mas há quem afirme que nunca se juntaram mais de 50 em um estádio. De qualquer forma, eles surgiram, com faixas, flâmulas, charanga, fazendo o máximo de **badalação**.

De início foram olhados como simples curiosidade. Depois a presença deles passou a ser vista com antipatia. A direção do clube quis terminar com a iniciativa. Volmar consultou advogado e, ao certificar-se da inexistência de qualquer ilegalidade, resolveu não desistir, **topar a parada.**

Em um jogo com o juventude, da vizinha cidade de Caxias do Sul, a torcida gremista tradicional decidiu agredir a **Coligay.** Começou a cercá-la, levando-a contra um muro. Volmar apelou para a Polícia Militar. A briga estava formada e os frenéticos meninos, esquecendo-se dos trejeitos e poses, achavam-se lutando para valer.

Mostraram, assim, para os gaúchos, que **bicha é macho**. Selou-se a paz. Esqueceram-se os socos, pontapés, murros e empurrões trocados.

Mas o prestígio surgiu mesmo quando, na disputa do campeonato estadual de futebol, o Grêmio venceu o Internacional por 3 a 0. A **Coligay** ganhou fama de **pé-quente**.

Hoje ela é **paparicada** pela direção do clube. Tem distintivo, carteirinha e veste-se com cafetãs uniformes. Uma Kombi a transporta para todos os jogos importantes no interior do Estado e já se tornou notícia em algumas das principais revistas do País.

Enciumado, o clube rival procurou Dirnei Messias, gerente de outra boate portoalegrense guei, para a criação do **Inter-Flowers**, mas Dirnei declarou que não pretendia "expor o homossexuais ao ridículo em campo de futebol."

Apesar de o diretor da **Coligay** concordar com as finalidades do Movimento Brasileiro de Libertação dos Homossexuais, a organização por ele criada parece-me machista e **guetoizante**. Por tais razões — creio —, permitiram-lhe nascer e fortalecer-se, malgrado pequenos percalços. Aceitaram-na quando perceberam que ela não questionava nada, que **sabia o seu lugar**. Servia de circo para o **Establishment** e para o **povão.** Tudo se limitava a alguns minutos de espetáculo, continuando cada macaco no seu galho.

Os componentes do grupo, ao unirem-se pela identidade dos gestos afetados, dos requebros e do agressivo exibicionismo, representam exatamente o papel que a eles atribuem os machões, o de bichas efeminadas e escandalosas, ainda que de briga, quando fisicamente agredidas, o que lhes confere maior pitoresco.

Sem se darem conta, atuam como machistas, pois introjetaram os estereótipos da nossa sociedade, que erradamente — e de má-fé —, identifica homossexualidade com efeminação.

Ao aceitarem, felizes, convites para exibirem-se pelo interior, mostram que se acham prontos a servir de palhaço a machistas basbaques desejosos de conhecer as novidades da capital.

Ao uniformizarem-se e ao serem treinados, para manterem-se obedientes e diferenciados, levam a separação ao paroxismo. Os amplos cafetãs trazem-me à memória o triângulo rosa, que os nazistas pregavam nas batas dos homossexuais encarcerados em campos-de-concentração. (**João Antônio Mascarenhas**)

No Planalto Central piscam novas luzes

Pelo menos aqui em Brasília, parece que um termo novo está surgindo, com jeito de que vai pegar: as lamparinas, ou os jornaleiros ambulantes do Lampião da Esquina que, por enquanto e com certeza até o número 2, têm sido o único ponto de venda do jornal na cidade. Nestas frias noites de inverno, os bares da capital estão com uma visível queda de movimento mas, mesmo assim, o Lampião vende bem, chama a atenção e provoca perguntas — algumas bem indiscretas. É, enfim, um jornal que puxa conversa.

Com este processo quase artesanal de distribuição, há, no mínimo, uma grande vantagem: podemos ficar sabendo quem está comprando o jornal e, em alguns casos, até mesmo por que. Pesquisa de mercado, companheiros. Há pessoas que querem saber de tudo, quem, como, onde e quando. As respostas precisam estar sempre afiadas na ponta da língua porque, se quem vê cara pode ver coração, um bom jornaleiro sempre indica que o produto é mil vezes melhor.

É preciso saber reagir. Muitos possíveis compradores gostarão de perguntar, com ares de quem acabou de ler um longo e enfadonho tratado sobre a decadência do sistema capitalista: "este jornal é político?". Outros serão sumários, afastarão o jornal como quem empurra um indesejado prato de sopa e darão o veridito: "neste país, só leio o Movimento." Neste caso, que eu considero bastante agudo, é preciso ter soberbia. Nunca pergunte coisas como "o que é que o Movimento tem que nós não temos?" Entenda, o problema não é uma possível diferença entre os jornais mas sim o próprio freguês que ainda tem a inocência dos que não sabem perder. Recolha o seu jornal, balbucie um "ora, ora" e saia de perto.

Não fique muito feliz com os que compram dois exemplares de uma só vez e perguntam onde conseguir o próximo número, nem se espante com o que compra o jornal, dobra-o e imediatamente o enfia na bolsa para ler em casa. No primeiro caso, você pode até mesmo dar seu telefone para que o procurem mês que vem. Já no segundo, dê um sorriso de compreensão e deseje boa sorte. Funciona. Quando alguém avisar, de início, que não tem dinheiro, nunca acredite. Leia com ele alguns trechos, seja prestativo, explique quais os motivos que nos levaram a nos empenhar num trabalho como este. Se ele reagir que os homossexuais não são uma classe e, portanto, não precisam se unir, que podem se espalhar em outros setores maiores que sertamente os abrangerão, você já sente que a conversa terá forte base ideológica — coisa, aliás, que está dizendo, o que se pode sentir pela correta inflexão da voz e pela firmeza do olhar. De formas que ele ficará tão inusitadamente interessado no assunto que lembrará que, na verdade, tem um dinheiro na bolsa. Dificilmente voltará a comprar o jornal, porque você não estará sempre a seu lado para convencê-lo com argumentos certeiros, mas valeu a pena.

Mas nem tudo são impecilhos. As pessoas compram o Lampião de bom grado, aplaudem a idéia e sabem que acabaram de adquirir um produto de primeira qualidade. Assim, não se espante nem mesmo com piadinhas tipo "um jornal homossexual? Mas como? Como é que ele faz?" Ou então não se enraiveça com a resposta de rapazes austeros que, sem que nem para que, reviram os olhinhos, ajeitam artificialmente o mis-en-plis e dizem "não, meu bem, hoje não posso". Afinal, um movimento homossexual, a qualquer nível, é ainda uma idéia que lembra o ridículo, o jocoso, o sem-vergonha. Para muitos, é a primeira vez que um homossexual pensa.

Portanto, seja sempre competente. Suas respostas ou reações não podem nunca por em jogo os valiosos quinze cruzeiros da Esquina, Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. (Alexandre Ribondi)

As palavras: para que temê-las?

Muita gente se declarando indignada pelo fato de LAMPIÃO utilizar, com muita freqüência, palavras tidas como **pejorativas**: bicha, boneca, etc., às quais o uso comum deu sempre um tom de ofensa, de epíteto humilhante. Para alguns, o uso destas palavras indicaria uma apelação ao baixo nível que não fica bem em nosso jornal. A estes, a explicação que se segue.

O uso de tais palavras em LAMPIÃO da Esquina, na verdade, tem um propósito. O que nós pretendemos é resgatá-las do vocabulário machista para em seguida desmisticá-las. Vejam bem, até agora elas foram usadas como ofensa, serviram como o meio mais simples para mostrar a "separação" que existe entre o **nosso** mundo e o dos **outros.** Isso faz com que, temendo o peso de tais palavras, criemos outras igualmente mistificadoras, embora, para quem as adota, sem qualquer tom pejorativo: **entendido**, por exemplo; e até mesmo que empreguemos sutilmente termos de um outro idioma, como é o caso de **gay** (LAMPIÃO bagunçou logo o coreto, traduzindo-a para **guei**, que significa **absolutamente nada**).

A primeira coisa a fazer, portanto, é perder o medo das palavras. O caminho para isso é usá-las: bichas, bonecas, etc... (quanto a veado, ao vê-la escrita — ou ouvi-la — deve-se sempre lembrar o belíssimo animal que ela designa; esta palavra significa apenas isso). Classificar os grupos que não rezam por sua cartilha como coisas exóticas é uma das armas mais comuns do Estabelecido (é, na verdade, o primeiro passo para reprimi-los): não aceitar que esse tipo de classificação seja possível — lutar contra ele — é obrigação desses grupos.

Assim, acreditamos que estamos cumprindo nosso verdadeiro papel neste jogo quando mostramos às pessoas que perdemos o medo. É parte do nosso papel, igualmente, responder à altura às provocações do tipo Roberto Moura (LAMPIÃO nº 2) e Ivan Lessa (neste número). Fazer ironia velada ou não em torno da homossexualidade velada das pessoas sempre foi uma prática de alguns representantes da imprensa machista que, para isso, contaram sempre com a cumplicidade do silêncio; os atingidos, com medo que a repercussão fosse ainda maior, preferiram, à resposta, ficar recolhidos à sua suposta insignificância. Nossa posição é oposta; se nos chamarem de bichas respondemos que somos mais que isso — somos trichas. Mas... (E há sempre um **mas**... na vida de qualquer machão), aproveitaremos a ocasião para recolher do nosso vastíssimo arquivo, ciosamente organizado pela fera Rafaela Mambaba, duas ou três coisas que sabemos — e sempre saberemos — sobre o autor da ironia. Assim, por todas essas coisas, ficam os possíveis desafiados avisados: em matéria de imprensa, os jornalistas que fazem LAMPIÃO da Esquina sempre adotaram a posição ativa, ativíssima. Alguma dúvida? (**Aguinaldo Silva**)

Não tem sabiá que agüente

Comemorou-se a 5 de junho o Dia Mundial do Meio Ambiente, com programação oficial (modesta) feita em S. Paulo pela CETESB — Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, órgão da Secretaria de Obras e do Meio Ambiente. Do seu lado, a Comissão de Defesa do Patrimônio da Comunidade, que congrega diversos grupos ecológicos, completou a comemoração num palanque da Praça da Sé, onde em clima de protesto, mais do que comemoração, falaram Orlando Villas Boas, Flávio Bierremback, Freitas Nobre e Vasconcellos Sobrinho. Em seguida, o grupo de pintores do movimento "Arte e Pensamento Ecológico" inaugurou na sede da CETESB uma exposição de quadros mostrando os desastres da depredação ambiental.

Ótimo que tudo esteja acontecendo e que os movimentos de preservação da natureza, independente e já em grande número no país, contando com o apoio dos meios de comunicação, vão instruindo e alertando a população e até denunciando os vários focos em que essa destruição esteja sendo feita. Porém... até que ponto os órgãos e atecnocracia oficiais tomarão conhecimento **real** desse apelo que, resguardando a nossa natureza, interfere no sucesso do país ao nível de nação tecnologicamente avançada? O apelo não é inutil, entenda-se bem, **não** se tenha ilusões quanto à positivação de medidas restauradoras ou de preservação ambiental — a não ser na proporção em que isto ou venha a ser uma exigência coletiva (neste momento em que, por razões óbvias prometem-se mais aberturas, existe essa possibilidade remota), ou então que a situação atinja o nível urgente de calamidade, o que não é fora de proposito porque aqui, quase sempre, espera-se que as coisas aconteçam para depois tomarem-se providências.

José Lutzemberger, presidente da Agapan (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural), ecólogo portanto, mas que prefere ser chamado de preservador da natureza, faz um alerta ao Brasil e ao mundo: "O pensamento econômico e desenvolmentista parte de enfoques absurdos, pois se trata de valores que estão em oposição às leis da vida. Se a humanidade como um todo prosseguir dentro de tais enfoques, nós vamos ao desastre — e ele está muito mais próximo do que muita gente pensa. Esta civilização tecnológica, para a qual não dou mais de trinta anos, é a primeira grande civilização que esqueceu uma coisa da maior importância: sabedoria. Trocou a sabedoria pela ciência. Isto é terrível, porque ciência e sabedoria são duas coisas totalmente diferentes. Então temos, atualmente a ciência, mas não a sabedoria para usá-la"

Partindo do princípio que a preservação do meio ambiente é defendida por uma minoria e que este jornal foi criado principalmente para dar voz às minorias, juntamos o nosso apelo ao de todos que se interessam objetivamente pela preservação da natureza e da dignidade humana. Esperamos porém não representar apenas uma voz a mais gritando para o espaço vazio, sem receber respostas e soluções.

À esmo e no tempo de pouco mais de quinze dias encontramos na imprensa diária notícias de inúmeras catástrofes ecológicas que estão acontecendo ou por acontecer no nosso país. Por exemplo:

1 — O navio brasileiro **Taquari**, que naufragou na costa entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai, levava em sua carga um produto químico altamente pernicioso, a etilenoimina, que estaria provocando o desastre ecológico da praia de Ermenegildo. A princípio as autoridades negaram a sua existência, sob a alegação de maré vermelha, um fenômeno da própria natureza. Culpa de Deus, portanto... Pressionados porém pela opinião pública, reconheceram a necessidade de examinar a carga. Só não se sabe se isto já foi feito e o perigo eliminado, ou se o fato continua naquela base do blá-blá-blá.

2 - Quanto à preservação de Caucaia, o "pulmão verde" da Grande São Paulo, parecia ser assunto resolvido e encerrado, tal a **prensa** a que os jornais e o povo submeteram as autoridades; mas voltam os interessados a insistir na implantação do novo aeroporto naquele mesmo local. Então senhores, como é que ficamos, hem?

3 - A Volkswagen possui quase 140 mil hectares de terras no Estado do Pará, sendo 70 mil destinados a pastagens para gado. (Qual a relação entre gado e automóvel, nem Jesus Cristo consegue descobrir...) Já em 1976 o desmatamento de áreas permitido pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (plano, aliás bastante discutível), teria sido superado pela Volks. Imagine-se hoje!... Além disso houve uma denúncia de que essa mesma Frau Volks extraía madeira da área para fins que nada tinham a ver com seu projeto agropecuário. Mas voltando aos bois, digamos que o brasileiro seja carnívoro e que essa carne seja necessária à nossa alimentação. Cabem então duas perguntas: a - compensará destruir florestas, quando **já** temos muitas áreas que **já foram** desmatadas e usadas, mas que apesar disso ainda servem para pastagens? b - Esse gado estará **mesmo** destinado a matar a fome do brasileiro (neste caso haveria talvez uma justificativa) ou será destinado exclusivamente à exportação, nossas florestas se transformando em pastos, nossos pastos alimentando rebanhos e rebanhos se transformando em rendosos dólares, dos quais, além do mais, só uma parte ficará no Brasil?

4 - Ainda falando em carne: os cardumes de baleias do mar brasileiro estão quase extintos pela pesca, predatória porque feita em escala industrial, e que está sendo executada por firma (ou firmas) japonesas, cumprindo acordo firmado com o governo brasileiro. Ora! brasileiro não tem hábito da carne de baleia. Não vamos aqui discutir preferências, mas sim o destino desses mamíferos. Não sendo utilizados objetivamente para a nossa alimentação, será certo eliminar a espécie, já escassa no mundo, em troca de divisas? E quando não houver mais o que comer (porque desse jeito a comida do mundo vai acabar) o que nos darão para comer? Papel-moeda?

5 — Voltando à Amazônia topamos com o projeto Jari, um empreendimento do multimilionário norte-americano Daniel Ludwig, que as próprias autoridades brasileiras consideram com possibilidade de risco para a segurança nacional, devido à sua área vital dentro da região e por ser possivelmente a maior propriedade rural privada do mundo — e isto aqui, dentro do Brasil e nas mãos de uma empresa estrangeira. O fato acontecido com a Volks deve estar se repetindo na "Fazenda Jari" isto é, desmatamento incontrolável, etc.etc. Porém o mais grave é que Daniel Ludwig, apesar de forte e saudável, está com 84 anos e, segundo consta, suas propriedades no Brasil, após a sua morte (porque ninguém é eterno) seriam herdadas pela Fundação Ludwig de Combate ao Câncer, com sede na Suíça e sobre a qual pouco se sabe. São **3,7 milhões de hectares de terras**, pelo menos é o que a Jari declarou à Sudam possuir, distribuidos entre o Pará e Amapá. Ora, parece-nos que esse terreno é área excessiva para a construção de um hospital, mesmo que este venha a ser enorme, suficiente para tratar gratuitamente de todos os brasileiros atacados pelo câncer. A conclusão mais lógica é que o resto do terreno que sobrar, será obviamente explorado com finalidades menos humanitárias...

6 — Várias cidades do vale do Paranapanema opuseram-se à construção da fábrica Braskraft de celulose, que iria poluir um dos últimos rios sadios do Estado de São Paulo. O assunto parecia ter sido quase resolvido em prol da natureza, quando se noticia que Brasília aprovaria a instalação, desde que a Comissão Especial de Inquérito da Assembléia de S. Paulo e a Sema (Secretaria Especial do Meio Ambiente) concordassem.

7 — Ainda carne, só que de passarinho: sabiás estão sendo abatidos em Cananéia e no ano passado foi comercializada quase uma tonelada dessa carne. Pode haver exagero nesse cálculo porque uma operação tão grande, para ser rendosa, precisaria de uma verdadeira organização abrangendo desde aquele que caça o pássaro, até o seu congelamento e transporte. Certo ou não, seria coisa a ser verificada porque, como cada sabiá pesa por volta de 100 gramas, a tonelada anual corresponderia a 10 mil aves abatidas! Nessa proporção não tem sabiá que agüente e, se a coisa continuar a espécie se extingue, como tantas outras espécies animais que têm sido eliminadas, tanto pela caça ilegal como pela destruição de florestas e poluição dos rios.

Mas a lista dos crimes contra a natureza não para por aqui: o ar saudável da Belo Horizonte, por exemplo, só existe hoje nas poesias dos antigos poetas mineiros, tal a poluição que as indústrias soltam no ar. O seu horizonte que um dia foi belo, está desmatado e as terras corroídas pela erosão. Quanto ao mar da Bahia, parece que mestre Caimi já anda pensando em mudar a sua canção que diz: "o mar, quando bate na praia, é bonito, é bonito", por "é poluído, é poluído", tal a concentração de detritos químicos e podridão dos esgotos que estão sendo jogados por lá. A baia de Guanabara às vésperas de se comemorar o ano 2000, será um lodaçal pestilento e mal cheiroso. A zona do pantanal de Mato Grosso está sendo expoliada da sua já rara vegetação. Fotos aéreas do litoral norte do Estado de São Paulo mostram, além das áreas devastadas pelas queimadas, a erosão consequente que ameaça soterrar Caraguatatuba com os freqüentes deslizes de terra dos morros próximos.

A construção da estrada Rio-Santos por sua vez alterou substancialmente a paisagem original e está provocando uma urbanização desordenada e sem planejamento que fará do mar a sua lata de lixo. Trindade, um lugarejo numa praia entre Parati e Angra, que até algum tempo atrás constituía uma comunidade isolada do mundo, suprindo sozinha a própria subsistência com a pesca, a pequena agricultura generalizada e frutos naturais da região — uma comunidade tão perfeita que dispensava o uso de dinheiro —, está sendo pressionada por uma poderosa companhia de urbanização, que constrange os habitantes a vender as terras, para que a empresa lance ali um grande empreendimento turístico, cujas quotas serão vendidas na Europa.

As praias de Santos, São Vicente e boa parte de Guarujá há muito tempo são reconhecidamente poluídas e só escaparam de ser palco de um grande *show* epidêmico de cólera, porque o vibrião coletado nas desembocaduras dos canais demonstrou ser inofensivo. Como se vê, a castração epidêmica que foi bastante praticada entre nós e que agora, finalmente, parece que está arrefecendo e prometendo algumas aberturas, teve no devido momento e neste caso específico, um resultado benéfico: melhor um vibrião castrado que um colérico mandando brasa por aí.

Por esta e tantas outras calamidades, que, às vezes pela mão do homem, outras por obra do acaso, foram evitadas (milagres?), é que todos nós devemos nos parabenizar e agradecer a Nossa Senhora da Aparecida que, mesmo rachada, continua sendo a padroeira destes Brasis.

Darcy Penteado

Florianópolis, meu amor

Pesquisa realizada por órgão sociológico de Florianópolis revelou que existem nesta encantadora e paradisíaca ilha do Atlântico Sul 15 mil homossexuais declarados. Não estão computados, naturalmente, aqueles que só se revelam fora daqui, em centros maiores onde, em muitos casos, seus conhecidos e prestigiosos nomes podem perfeitamente ser trocados por um anônimo "Silva", e seus rostos se perdem na multidão.

Considerando-se a população da cidade — por volta dos 300 mil — o número é realmente de causar surpresas e indagações. E conseqüentes respostas racionais. Primeiro, se existe tanto assim é porque há receptividade. E se há receptividade, o número, pela lógica, duplica ou forma uma nova parcela: os bissexuais (a não ser que estejam todos incluídos entre os 15 mil).

E depois, o mais intrigante é justamente a razão desta quantidade. É de tradição afirmar que os povos de beira d'água têm aquela quedinha a mais. Vejam a Grécia antiga, de onde — a História não nos deixa mentir — surgiram as mais provocadoras e sensuais transações, as Olimpíadas. Dali para Roma foi um volteio incentivado pela maioria dos Césares. E de Roma para todo o Mediterrâneo, onde, em muitos países, o homem é a válvula mestra, com a mulher não passando de simples reprodutora... de preferência de meninos. Um exemplo é o Marrocos, onde os homens andam de mãos dadas e se beijam no meio da rua, sem a menor cerimônia ocidental.

No mundo moderno, as cidades ditas gueis ou estão abaixo do nível do mar, como é o caso de Amsterdã, ou numa ilha, como Nova Iorque. Ou ainda tão à beira d'água que até estariam predestinadas a serem levadas pela própria: é o caso de San Francisco da Califórnia. Isto para não falar do Rio de Janeiro, a Princezinha do Atlântico, ou mesmo da fina Laguna, onde grosso só mesmo o mar.

Por esta associação aquático-sexual não deve causar surpresa que a Ilha de Santa Catarina de repente constate que 5% de sua solidária população se entrega a tais folguedos. E isto muito embora quem acabe levando a fama seja Pelotas ou Campinas, ambas interioranas, o que não deixa de ser uma aberração histórica. **(Beto Stodieck)**

Fotos de Válter Firmo

Esta zona vai acabar

Solange parece indiferente ao frio e à chuva que, misturada à terra das obras do metrô, enche de lama a zona do mangue. Equilibrando-se nos altíssimos tamancos dourados, ela passeia na calçada, lançando olhares suplicantes para a imensa fileira de homens que, encostados no paredão em frente, simulam indiferença. A loura Solange usa delicada blusa de pela de onça, uma reduzida tanga rendada, e grossas meias de lã até os joelhos, deixando à mostra as coxas roliças, já um tanto flácidas e sulcadas de celulite. Não precisa esperar muito. Logo um dos homens decide se aproximar, cochicha rapidamente no seu ouvido o que deseja e, abraçados, os dois desaparecem rumo a um das dezenas de cubículos que, como partes de uma imensa colméia, proliferam em todas as casas.

Dez minutos depois Solange está de volta ao seu posto, com o batom retocado, uma nova camada de pó de arroz no rosto, o mesmo olhar suplicante para o cobiçado paredão. Como ela as 1500 prostitutas do Mangue procuram aproveitar o máximo o pouco tempo que lhes resta, para conquistar os assíduos e numerosos fregueses. Dessa vez, a zona vai mesmo acabar. Já anunciaram para este mês as primeiras desapropriações e, se o cronograma de obras for cumprido, em 90 dias, as 60 casas que ainda restam vão desaparecer. Uma decisão que resistiu a dois anos de planejamento, mas que agora vai se concretizar, com o início das obras de reurbanização da Cidade Nova, que abrigará futuramente em 60 prédios mistos uma população de 60 mil pessoas.

Mas nem mesmo a certeza do fim eminente impediu que as prostitutas enfeitassem os velhos sobrados com fileiras de bandeirinhas do Brasil, para animar e "prestar solidariedade ao time de Coutinho na Copa do Mundo". Não houve tampouco evasão em busca de lugares mais seguros. Firmes, elas estão dispostas a esperar ali as máquinas de demolição e, apesar de já terem outros locais em vista, evitam comentários sobre o assunto, temendo a repressão antecipada. Muitas não se conformam em perder "o ponto" que, por ficar próximo às obras do metrô, vem garantindo a freqüência estável de milhares de operários. Chegam inclusive a ameaçar invadir a Avenida Atlântica e a Vieira Souto, "para que o governo resolva o problema, doando uma área para trabalharmos, porque zona existe em todos os países do mundo". Mas como sabem que o fim é irreversível, não se preocupam mais em evitar o lixo, que se acumula em quase todas as portas, nem em conservar as casas, cuja pintura outrora festiva e de cores berrantes, está esmaecida, deixando à mostra rachaduras alarmantes.

A decadência provocada pelas sucessivas demolições dos últimos dois anos — quando começaram a ser implantados os trilhos do Metrô — além de reduzir o número de prostitutas de sete mil para 1500, trouxe a insegurança e os assaltos que chegam a 150 por mês. Mesmo assim, ainda há proprietários que conseguem alugar suas casas em média por 6 mil cruzeiros, para quem se disponha a tomar conta do negócio. D. Leda, por exemplo, uma das "gerentes", ou "cafetinas" mais conhecidas do Mangue, chegou a ter oito casas nos últimos 16 anos. Hoje explora apenas uma, onde trabalham 35 mulheres, e paga seis mil de aluguel: "Tem gente aqui que paga até oito mil sem reclamar, porque sabe que o negócio é bom. Mas agora, com a desapropriação, já começamos a ver outros lugares. Aqui trabalham moças de Ipanema, Copacabana, Méier, Caxias, e ano passado mesmo várias se formaram em faculdades. Saiu uma doutora e uma advogada daqui. Tinha uma com filho engenheiro, gente muito boa. Pra mim a zona é o lugar mais sossegado do mundo. Vem muita menina da PUC fazer pesquisa e os fregueses não mexem com elas. Eles respeitam. Já na cidade fico até com raiva. Onde vou, com minhas roupas de cigana, chego a ficar zonza com tanta gracinha que me dizem".

D. Leda é uma senhora gorda e loura, de 36 anos, mãe de quatro filhos, que veio há 16 anos de Belo Horizonte para tentar a vida no Rio. Ela não diz quanto ganha por mês. Mas para conseguir pagar o aluguel e ainda criar os filhos, morando em Caxias, dever ser bastante. Como todas as gerentes, cobra de cada prostituta Cr$ 15,00 por cada vez que elas usam os quartos e praticamente não tem gasto nenhum de conservação. Sua casa, como todas as outras, foi dividida em diversos

cubículos separados um dos outros por uma folha de madeira. Nos cubículos há apenas o essencial: pequenas camas de solteiro cobertas por lençóis ou colchas imundas, uma mesinha com rolo de papel higiênico e uma lata de banha, onde é jogado o lixo. Não há vestígio de água ou material de higiene por perto e, quando terminam os encontros, as prostitutas se dirigem para os fundos da casa, onde fica o banheiro.

Em média os encontros duram 10 minutos e o preço varia dos 70 aos 600 cruzeiros, dependendo da tara dos fregueses. Vandete, uma morena magrinha, aparentando nem mais do que seus 25 anos, por exemplo, tem fregueses fixos com idades que variam dos 11 aos 70 anos. Ela não se incomoda de revelar os detalhes: "Os novinhos são os que pagam melhor e a gente trata eles bem, porque senão ficam traumatizados pro resto da vida, né? A maioria faz papai e mamãe, mas tem também muito tarado". Vandete trabalha das 10 as seis e em dia de muito movimento chega a atender 30 homens. Mora em Nova Iguaçu e às vezes chega a ganhar dez mil por mês. Ela não tem amantes na zona, porque se diz independente, "já chega o dinheiro que eu tenho que dar para a família". Como ela são poucas as prostitutas que moram nas casas onde trabalham no Mangue. Acham o lugar muito sujo e, como a maioria tem filhos, encara a zona apenas como um meio de ganhar dinheiro. Em casa dizem levar vida recatada, com as noites preenchidas pelas novelas de TV e a correção dos deveres de casa das crianças. Apenas um terço delas, "as mais relaxadas", segundo as outras, não se incomodam e vivem ali. Trabalham em três turnos diariamente, até as duas da manhã, quando tudo fica silencioso. Atualmente a zona se resume a duas ruas, a Júlio do Carmo e Machado Coelho. No início do ano, as casas que ficavam na Rodrigo dos Santos, onde atualmente passam os ônibus que vão em direção à Tijuca, foram desapropriadas.

As histórias que contam para justificar a opção pela prostituta são sempre tristes e invariavelmente incluem uma família grande, com muitos filhos. São praticamente "obrigadas" a se prostituir "por que é o caminho mais fácil para sair da miséria". Caso de Vera Lucia, ex-empregada doméstica. Ela ganhava mil cruzeiros por mês e diz que era tratada como uma escrava. Morava num barraco com os nove irmãos até se decidir a ganhar a vida. Hoje, afirma que, graças ao Mangue, comprou um terreno e construiu uma casinha para a família num subúrbio carioca. Não tem muitas queixas da zona:

— "O único problema são os vagabundos que tentam tirar o dinheiro da gente. Eu ganho uns quatro mil por mês, mas continua não dando para nada. Acho que o dinheiro que sai daqui é amaldiçoado. Eu não tenho cafetão. Meus cafetões são meus nove irmãos. Sei que não sou feia. Quando me interesso por um homem vou com ele para um hotel. Aqui eu fecho os olhos e penso na grana. Tenho que aproveitar enquanto sou moça. Depois ninguém vai me querer mais."

Na zona do Mangue, embaladas pelas músicas de Agnaldo Timóteo, Benito di Paula e Roberto Carlos, sempre tocando nas rádio vitrolas, fazem a vida também muitas mulheres que vieram de outros estados tentar a sorte. Analfabetas, mineiras, baianas e pernambucanas encontram ali uma fonte segura de renda. Chegam jurando que vão ficar por pouco tempo, mas são raras as que conseguem sair depois que entram. E se saem, acabam voltando, desiludidas com os homens. Talvez por isso tenha caído bastante o índice das que têm "cafetão". Elas descobriram que não valia a pena se estragar para sustentar um homem, e são poucas as que continuam mantendo seus amantes.

"Atualmente — diz Marta, 30 anos, 11 de zona — a gente ganha tão pouco que só dá para sustentar os filhos mesmo. Os homens já não vêm com tanto dinheiro como antes. Com a mudança da zona, apareceu muito ladrão, e os fregueses melhores fugiram com medo. Ninguém mais pode aparecer aqui de relógio e corrente de ouro, porque sai roubado. O policiamento piorou. Antigamente, a polícia civil vinha disfarçada e prendia os marginais. Agora vem a PM fantasiada de Suate. O vagabundo vê de longe e se esconde. Há uns dois anos eu ganhava seis mil. Agora consigo três e meio. Tenho dois filhos, sou analfabeta e pago 60 cruzeiros de diária por um quarto no centro da cidade. Como é que posso mudar de vida? Prefiro ficar aqui do que sofrer humilhação trabalhando em casa de madame".

Além da falta de segurança e da sujeira, Marta também reclama da evasão da freguesia mais jovem, que pagava melhor. Ao seu lado Débora, 45 anos, 30 de profissão, fica indignada quando se toca no assunto. "Hoje os garotos se iniciam com as namoradas mesmo. Fomos passadas para trás por causa dessa tal de liberdade sexual". E com a experiência de quem dedicou quase meio século de vida à zona, tenta uma análise mais profunda: "Minha filha, a zona só existe ainda por causa dos operários sem família que precisam de mulher. E também para atender os homens casados insatisfeitos. Pode escrever aí que eu assino. O Mangue pode acabar hoje, que amanhã a zona começa em outro lugar".

Lúcia Rito

Norma Bengell (apaixonada, furiosa, terna, indignada):

"Eu não quero morrer muda"

A entrevista, num apartamento do Jardim Botânico de cortinas rendadas e muitas plantas, só começou depois que um emissário de Norma Bengell veio até a sala e nos examinou a todos: um gato que, sem nenhuma pressa cheirou um a um os nossos sapatos e depois, acomodado sobre uma almofada, ficou a nos observar, através das pálpebras entrefechadas, durante uns bons 20 minutos. Só após esse exame prévio — e uma possível troca de informações telepáticas entre os dois — é que ela apareceu e apresentou-se aos entrevistadores: Antônio Chrysóstomo, João Antônio Mascarenhas, Aguinaldo Silva e Billy (Darcy Penteado, mais tarde, faria perguntas, de São Paulo, pelo telefone). Antes de começar o papo, no entanto, Norma teve que falar pelo telefone com uma amiga, à qual comunicou que estava com quatro *rapazes* em casa. Minutos depois ela nos adjetivaria de maneira ainda mais enfática ao nos oferecer uma Tequila e explicar porque escolhera essa bebida para nós: "é que Tequila é bebida de *homem* ". A entrevista tinha um ponto de partida: o problema surgido entre a atriz e o diretor Daniel Filho, que culminou com o afastamento de Norma da novela *Dancin'Days* da TV—Globo. Mas de pergunta em pergunta ela foi muito além. Tanto que provocou, a intervalos não muito longos, velados olhares de censura do gato que, sobre a almofada, imóvel durante todo o tempo diante de nós, fingia cochilar.

AC - Norma, nós gostaríamos que você destrinchasse, inicialmente, o que foi essa confusão toda da TV-Globo. Outro dia, numa conversa telefônica, você dava uma versão de que teria sofrido uma ação sexista por parte de pessoas da Globo. Que pessoas são essas e o que houve exatamente?

NB - *Bom, acho que é sexista porque o poder é sexista. O executivo Daniel Filho jogou o poder sexista e falocrata pra cima de mim. Porque ele está habituado com pessoas que na frente bajulam, elogiam, e por trás picham. Eu falo na cara. Então ele usou o poder e o poder é sexista, você sabe. Ele disse, "ou ela ou eu"; então eu dancei, porque ele é necessário à estrutura da casa, enquanto eu só sou necessária até certo ponto. porque sou atriz, rebelde e mulher.*

AS - Inclusive, nesse episódio todo de sua saída da novela Dancin *Days*, (TV-Globo, 20 horas) a explicação que Daniel Filho deu foi que você se comportou histericamente. Essa é uma acusação que se *faz* usualmente a uma mulher quando se quer diminuí-la. Por exemplo: ele nunca diria, em caso de uma briga, que Tarcísio Meira comportou-se "histericamente".

NB - *Não. E se eu tivesse marido o comportamento dele seria outro. Em 1964, quando eu estava casada, ele me tratava de outro. modo. Aliás, ele sempre disse que não conseguia entender como eu, um "símbolo sexual brasileiro", mantinha uma ligação íntima com uma moça — porque eu tive uma ligação com uma amiga durante muito tempo —, ele dizia que não entrava na cabeça dele que eu tivesse uma amiga. Engraçado, eu nunca me preocupei em saber se ele tinha ou não um amigo! Porque você vê, sempre fui uma pessoa muito liberal. Eu escrevi certa vez um poema que diz assim: "a liberdade está dentro de nós". E quem diz que a liberdade está dentro das pessoas não pode ficar numa ruim. Eu sou ótima, não sou uma pessoa moralista, coisas assim.*

AC — Mas Norma, vamos explicar melhor tudo isso porque há umas coisas conflitantes. Como foi que surgiu essa situação que você chama de sexista, o que houve afinal entre vocês?

NB — Você sabe, eu tive várias versões. Há uma semana que penso nesse assunto. Eu estava a fim de fazer televisão porque estava a fim de trabalhar, porque as peças que me ofereciam eu não queria fazer, era tudo coisa saída dos anos 50. Eu não sei o que está havendo no Brasil, que existe uma revisão cultural, mas da cultura colonizada, nossa cultura que é a parte colonizada. Por exemplo: eu cheguei há três anos, e tive oferta de cinco peças americanas; mas só fiz peças de autores brasileiros, com exceção de uma do Triana, A Noite dos Assassinos. *Então eu nem sei se posso fazer uma peça estrangeira. Eu sei fazer, mas a minha neura, o meu problema de mulher é de mulher latino-americana; eu não sou americana do norte, entendeu? Então, se eu fizer Virgínia Woolf,*

pra mim passa a ser uma mentira, pois eu jamais idealizaria um filho, porque não acredito na realização da mulher através do filho. Então fiquei mesmo sem trabalho, sem saída. Quer dizer, as únicas saídas que eu tenho são as minhas propostas, meu trabalho pessoal, como fazer um filme sobre Maria Bonita, que depende de capital.

Por isso apelei para a televisão. Liguei pro Daniel e disse: "Eu quero trabalhar, estou precisando trabalhar". Antes ele tinha me oferecido muitas vezes e eu tinha recusado por questões pessoais. Mas no momento em que aceitei e fui, resolvi trabalhar com o maior amor, inclusive querendo renovar uma linguagem televisiva, dentro de um texto que me apresentavam o horário das oito, um texto altamente machista. Porque existe muito homem dizendo que sabe escrever pra mulher, mas é uma visão da mulher do ponto de vista do homem. Então às vezes escorrega o machismo. Fiz um trabalho de análise do texto, critiquei o personagem de cabo a rabo — inclusive esse material está com o autor da novela, espero que ele não utilize a minha análise político-cultural da Iolanda, que era meu personagem de "Dancin'Days", *—, fiz um trabalho sensacional, porque sou feminista, não ligada a nenhum partido mas feminista.*

JA — Você fez todo um trabalho de levantar o personagem etc...

NB — Exatamente. Então eu pensei: "o que é que eu posso fazer na televisão, um espetáculo que, no Brasil, tem 30 milhões de espectadores?" Eu falei, "bom, eu posso pegar esse texto dessa mulher altamente reacionária que era a Iolanda, e repeti-lo, mas criticando." Porque dentro da minha tese feminista a Iolanda é uma mulher altamente reprimida pela escala de valores que possui. Ela casou com um homem vinte anos mais velho, então ela é o objeto total. Aí eu fiz um trabalho político, quer dizer, eu mandava um subtexto na Iolanda. Aí, não sei: uma das minhas preocupações é (porque achei tão escabroso, tão escandaloso ter que pedir pro meu nome aparecer na novela como participação especial, porque eu sou uma atriz com um "know-how" enorme) que tenham colocado meu nome em quarto lugar para que eu dissesse desaforos, desse motivos para me mandarem embora. Porque talvez o meu trabalho de renovação de linguagem televisiva estivesse fora do esquema de novelas, do esquema global, e eles tivessem me provocado prá que eu saísse. Daí eu pensei, pode ser paranóia...'

AC — É uma versão um pouco paranóica, convenhamos.

NB — Mas um momento. É uma versão um pouco paranóica, mas o sistema é paranóico. E quando eu falo, estou interpretando o sistema em cima de mim. Você sabe que a paranóia não é uma doença da mulher. É uma doença do sistema, e o sistema é o homem, o "homem" entre aspas. Pode ser o sistema tenha visto o meu trabalho e tenha dito : "Bom, essa mulher está criticando as escalas de valores do sistema, que é casa, família e propriedade, coisas altamente burguesas, eu só estou aqui pensando, não estou brigando, por causa de 60 mil mensais que eles iam me pagar. Eu estou pensando porque não botaram meu nome onde eu merecia estar.

AC — E aí você reclamou.

NB — Então, esse trabalho que eu fiz poderia estar até fora daquela coisa linear que é o trabalho na televisão. Pode ser, mas não. Eu pedi a Daniel para falar comigo, ele não telefonou. De noite eu pedi a essa amiga minha, Sônia, pra ligar pra ele, porque eu estava com raiva, alterada mesmo; ele começou com jogo de empurra: "não é comigo, é com a casa". Mas um dia eu fui fazer uma crítica à Rede Globo, e ele disse: "não critique a Rede Globo, porque eu sou a casa". Ora, é uma contradição, isso. Aí eu falei, Sônia, eu não sei falar com porta nem com mesa, com quem eu falo? Pensei no Deriquém (Moacir), que também foi ator, foi amigo meu, Liguei e falei: "Deriquém, o que está havendo? Daniel me disse que ele não tem nada com isso, com a situação do meu nome na publicidade da novela". Aí Deriquém falou: "É papo furado, ele está tirando o corpo fora."

Aí eu falei, "olha, não vou gravar, estou vestida para gravar, mas não vou gravar enquanto vocês não resolverem isso". Aí o Daniel falou: "Você acredita em mim ou no Deriquém?" Eu respondi: "Em Nenhum dos dois, eu quero aquilo que mereço". Aí ele disse que eu estava louca, devia ser internada; eu lhe disse que nos campos nazistas e na Rússia também internavam dissidentes, e aí o pau comeu. Eu puxei pro lado político, porque acho altamente reacionário dizer que interna num asilo alguém que está em sã, perfeita cabeça, entendeu? Porque nem os loucos deviam ser internados, deviam merecer outro tipo de tratamento. E isso daí acontece o tempo todo lá na Globo; se você não diz amém o tempo todo, é acusado de louco.

AC — Mas ninguém na Globo solidarizou-se com você? Os atores, nada?

NB — Silêncio total. Eu tenho a impressão que eles acharam que eu não tenho razão.

AS — Não será o contrário? Talvez tenham ficado com medo de dar apoio a você.

JA — Pois é. Cada um ficou pensando na própria situação, no emprego.

NB — *É um problema deles. Acho que eles têm que resolver por eles mesmos, ainda mais agora que nossa profissão é regulamentada e que existe, entre aspas, uma "consciência de classe".*

AS — Olha, eu nem sei se há uma consciência. Você vê, toda essa festa em torno da regulamentação foi colocada de tal maneira que deu a impressão de que a regulamentação foi um presente do governo. Ora, o governo tem a obrigação de reconhecer uma classe que existe!

AC — Eu pessoalmente estranhei quando vi sua fotografia no jornal, com o Presidente, rindo, coisa e tal.

AS — É, Norma, essa coisa de consciência de classe, pelo menos no pessoal que trabalha na Rede Globo, é uma coisa a se discutir. Um dia desses uma revista andou publicando uma série de reportagens: "como vivem nossos atores". Pois bem, os atores se deixavam fotografar em casas de milionários para enganar os fãs, fazer com que eles pensassem que aquelas eram as suas casas. Quer dizer, é um negócio de "star-system" totalmente falido e ridículo.

NB — *Pois é, mas isso tem a ver com a tal revisão dos anos 50/60 de que eu falei. Quer dizer, naquela época tinha essa coisa de "a casa dos artistas". Em 1961 eu fazia isso. Só que agora não tem mais sentido.*

BA — Pois é, essa revisão é um fato. Coisas dos anos 50 e 60 são retomadas agora no Brasil e...

NB — *Sim, mas coisas puramente norte-americanas. Quer dizer, é uma revisão apenas a parte colonizada do Brasil. As coisas nossas não são mais retomadas. Ninguém quer relembrar o que houve com a nossa arte nesse período, ninguém quer falar do nosso estrangulamento cultural. Eu, por exemplo, fui estrangulada, tive que sair daqui, porque não tinha campo de trabalho. Isso aconteceu comigo, com Zé Celso, com Ítala Nandi, com o Boal, o Plínio Marcos etc. e tal. Então vamos revisar a nossa cultura, porque, pô, além da revisão que eu tenho que aturar, ainda vou ter que aturar a revisão* da cultura dos *outros? Não dá!*

AS — Quando você foi fazer a novela, eu fiquei curioso em saber se o texto era bom. Que é que você me diz?

NB — *Diante das coisas que me apresentaram — a única coisa de autor brasileiro que fiz após minha volta foi "Vestido de Noiva", de Nélson Rodrigues, que eu adoro... Bem, eu estava precisando de dinheiro, já falei. Mas nunca vou trabalhar só por dinheiro, não sou corrompida. Eu, como uma bela visionária romântica que sou, procurei fazer esse trabalho de que já falei, que quer dizer, por baixo do texto eu mandava uma mensagem: que Iolanda era louca, oprimida.*

AS — Alienada.

NB — *Isso mesmo: alienada.*

(O Telefone toca, Sônia atende. É Darcy Penteado, de São Paulo, que quer falar com Norma. Ele faz perguntas, que ela responde, pois ficou decidido que Darcy, como amigo de Norma — os dois moraram em Roma, de 1962 a 1964, no mesmo prédio, o Palazzo Pignatelli —, participaria da entrevista. Darcy vai logo avisando que fará perguntas "muito íntimas". Norma sorri, matreira. A galera, espalhada pelas almofadas da sala, aproveita para renovar as doses de Tequila. As perguntas de Darcy são todas sobre a "fase romana" de Norma)

DP — Norma, eu sei que Alberto Sordi apaixonou-se por você, inclusive pretendia traçar uma carreira pra você no cinema italiano, mas você o abandonou para viver uma aventura com Alain Delon. Você me explica isso?

NB — *Bom Darcy, eu acho, primeiro que tudo, que sou um indivíduo, que pensa, que tem emoções. Então, eu não posso colocar a minha carreira acima de mim, como indivíduo, porque senão eu vou morrer de câncer.*

Então, eu jogo com o emocional, sim, porque acho a emoção a coisa mais linda que tem, e acho que as pessoas que engoliram a emoção estão aí, oprimindo os outros. Primeiro sou um indivíduo; depois uma atriz. Não sou carreirista. O Alberto de fato se apaixonou por mim, mas eu não me apaixonei por ele. E jamais ficaria com ele apenas para fazer uma carreira. Foi isso: achei Alain Delon mais bonito, e fiquei com Alain Delon, era uma questão de gosto. Depois também achei o Delon um cafageste, e me casei com Gabriel (Gabriele Tinti), *que por sua vez era bonitinho, mas ordinário. Já pensou se eu tivesse que casar com Alberto Sordi pra ser uma atriz? Pô, já estava morta, não é? Aquela coisa moralista, ih, "ela" era horrorosa...*

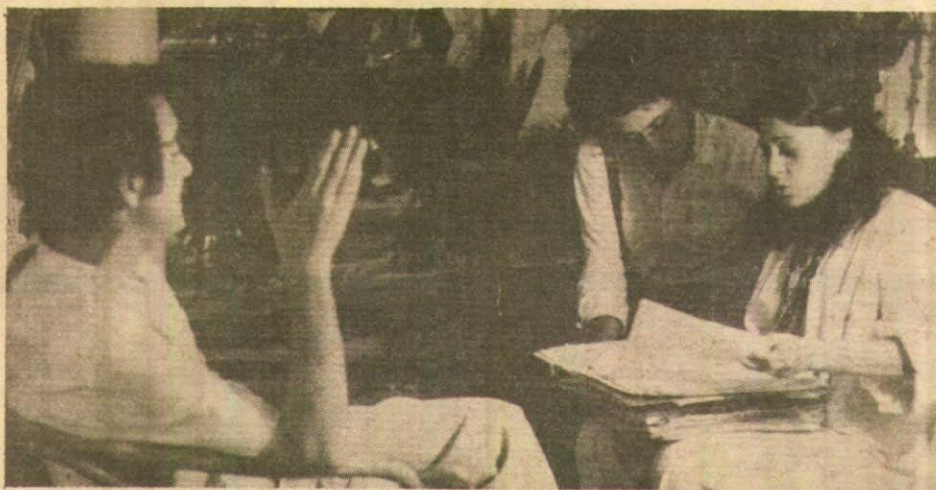
DP — Quando você teve aquela ligação com Edu Lobo, seu casamento com Tinti ainda podia ser salvo, ou já estava falido?

NB — Eu acho que já estava falido, não é? Eu acho que sim. Não, ele não tentou reconciliação. Eu queria, mas ele disse que não, que não era um "cornuto (risada). *Eu gosto dele, ele é meu amigo, mas nós discordávamos em muitas coisas.*

DP — É verdade que Marina Cicogna, numa época em que ainda não conhecia Florinda Bulcão, deu em cima de você?

NB — *Olha, eu não me lembro dessa história. O que me lembro é que minha mãe uma vez, no Brasil, me disse. "Tem uma 'cegonha' telefonando toda hora pra cá". E meu marido, que estava presente, fez um comentário meio indiscreto e meio moralista, que não quero repetir. Essa história eu não sei direito, mas se ela estava me telefonando devia ser pra me oferecer trabalho, não é?*

"Muita água passou debaixo desta ponte"

Fotos de Billy Acioly

Darcy pede desculpas a Norma por ser indiscreto, pergunta se ela está aborrecida. A resposta: "imagina, Darcy. Eu não me aborreço com nada". Os dois conversam sobre a "fase romana", ela pergunta quem ele escolheria: Alberto Sodi ou Alain Delon? Darcy, sem hesitação, apresenta uma terceira opção — uma pessoa que Norma não conhece, e que nada tem a ver com *a "fase romana"* dos dois. Pelo telefone trocam beijos e abraços. Darcy pede a Norma que chame Aguinaldo (Silva). Comentário de Norma: "Aguinaldo é um gatão, né, Darcy?" Os olhares despeitadíssimos da galera se concentram sobre AS que, impávido, atravessa a sala em direção ao telefone)

AS — (Retomando a entrevista) — Norma, vamos voltar ao problema do silêncio dos atores em relação ao seu caso. Como é que você está se sentindo? A classe a abandonou?

JA — Porque eles deviam se manifestar, não é? É um problema que pode afetar qualquer um.

NB — *Eu podia fazer um tremendo discurso sindicalista, mas em vez disso vou cantar uma música* (canta com voz maviosa): *"Silêncio, silêncio, /Que vida vazia, /Perdeu-se uma rosa, /Quem a encontraria?" É pra eles* (Risadas gerais).

AS — Mas você disse que uma de suas saídas são suas propostas de trabalho, como o filme Maria Bonita. Você ainda está à espera de verbas. É com a Embrafilme, ou o que?

NB — *Bom, agora eu estou esperando as verbas da Embrafilme, sim, mas antes houve uma confusão, há três anos, e a culpa foi minha. Eu conheci um homem na Europa, que não era da área de cinema, mas que resolveu financiar o filme. Criou uma empresa fantasma, uma produtora que não existia, e em vez de me ajudar, só atrapalhou. Por isso o filme não saiu. Tudo isso porque eu não conhecia a Embrafilme, que nasceu na minha ausência. Ele me deixou numa situação muito ruim, eu tive que parar a produção, tive que processá-lo e ganhar a causa. Inclusive eu já tinha feito todo um levantamento para o filme, tinha estado com o governador de Alagoas, que é uma pessoa simpaticíssima... Eu caí como um patinho.*

AC — Como é o nome dessa pessoa?

NB — *O nome dele é Orfeu de Santos Sales.*

AS — Por que um filme sobre Maria Bonita?

NB — *Um velho sonho meu, desde 1961. Porque acho que me idêntifico com ela — não como guerrilheira, que eu não sou — como mulher. Ela largou o marido dela, o sapateiro lá, e foi pro cangaço, e pariu no cangaço, fez guerra, fugiu prenhe. O objetivo do meu filme é exatamente mostrar o cangaço do lado da mulher. Porque o cangaço é sempre mostrado do lado do homem. Depois eu me considero uma Maria Bonita, porque fui criada pra casar, pra ter filhos, e em vez disso fui guerrar num sertão de pedra, de cimento armado. Eu quero fazer o filme com o sertão florido — verde, branco e vermelho. Eu fiz todo o levantamento, filmei todas as locações, e tem coisas lindas, lagos, o sertão é lindo no inverno. O canto dos pássaros, uma loucura. Eu quero fazer uma história de amor, porque acho que Lampião e Maria Bonita se amavam muito.*

AC — A abordagem é feminista?

NB — *É. Porque você vê, o Lampião era um mito naquela época, como hoje o Tarcísio Meira é o mito de muita gente. Ele devia ser um mito para Maria Bonita. Só que ela se politizou. Tanto que quando ele estava cego, ela é quem atirava por ele. Quer dizer, ela era o braço armado dele.*

AS — Você faria o papel de Maria Bonita?

NB — *Eu acho que seria uma Maria Bonita ótima. Mas eu quero dirigir. E se dirigir eu não faço.*

BA — E nesse caso, quem seria Maria Bonita?

NB — *Não sei.*

AC — Norma, me ocorreu a propósito dessa confusão com Daniel Filho, dessa história da Maria Bonita, e do que me contaram sobre um seu apartamento em Paris que pegou fogo: há sempre muitos problemas em sua vida. Será porque você é uma mulher atirada, ativa?

NB — *Mas quando o apartamento pegou fogo eu nem estava lá. Estava no campo, passando o Natal com amigos. Inclusive eu sou uma pessoa muito generosa, porque eu tinha emprestado o apartamento a uma menina, e quando ela telefonou — eu tinha deixado lá minhas pesquisas, meus trabalhos feministas, meu gato — e me disse, "seu apartamento pegou fogo, queimou tudo", eu respondi: "É? Não tem importância". Aí ela insistiu: "Mas eu acho que a culpa foi minha, que eu fiz de propósito". Eu respondi: "Bobagem, não venha com esse negócio de inconsciente que eu não acredito. Foi um acidente, depois ficou provado. Eu só fiquei louca quando ela me disse que o gato morreu.*

AC — Mas essas brigas todas, o motivo seria porque você é uma mulher ativa, atirada perante a vida?

JA — Uma mulher que não leva desaforo pra casa?

NB — *Não sei. Acho que é porque eu sou discriminada. E quando eu sinto que sou discriminada eu brigo.*

AS — Você é discriminada porque é mulher. Não é isso?

NB — *Porque sou mulher, porque sou uma pessoa liberada sexualmente, porque eu nem falo mais de sexo porque acho uma coisa antiga falar sobre isso... Eu acho que cada um tem o direito de usar sua sexualidade como quiser, e ninguém tem o direito de falar nada.*

AS — Mas Norma, na medida em que a maioria das pessoas não pensa da mesma forma, você não acha que por isso se torna necessário continuar falando sobre sexo?

NB — *Olha, inclusive eu nem sabia que era tão discriminada. Só descobri isso quando voltei da França. Sempre fui uma mulher independente, que viveu sempre do seu trabalho. Fui para a França, não sabia dizer nem "oui" nem "merde". Aprendi a falar francês e acabei como uma das estrelas do Teatro Nacional Popular, fazendo Marivaux.*

AC — Mas esse valor não poderia ser também canalizado para essa luta contra a discriminação que alguns grupos sofrem?

NB — *Eu acho que esse valor que eu tenho deve ser canalizado para a arte.*

JA — Mas por que só para a arte? Porque não para a vida em geral?

NB — *Mas eu não separo a arte do indivíduo. Acho que quando uma pessoa é má, é má artista, é mau operário. Eu não acredito num revolucionário, por exemplo, que aprendeu uma lição e vive repetindo na rua, se na casa dele ele não se comporta bem. Eu não estou falando de liberalismos decadentes, veja bem. Estou falando de outra coisa. Fala-se muito em anistia, mas o que eu quero é uma anistia realmente ampla, uma anistia para a arte, para o ser.*

AC — Mas isso de achar que falar de sexo, que dar nome aos bois é uma atitude antiga; você não acha que com isso está dando força aos machistas?

NB — *Não. Eu acho que só sirvo aos machistas no momento em que começo a botar etiquetas no ser humano. Porque você vê, todo mundo se surpreende: "Você é homossexual? Oh!" Ou então: "Você é bissexual? Oh!" Mas ninguém diz "você é heterossexual? Ooooh!" Entendeu? Existem só etiquetas para as pessoas que não têm a sexualidade como o sistema diz que é. Então eu acho que é altamente reacionário etiquetar o ser humano.*

AS — Mas o primeiro passo para a libertação, Norma, é aceitar a etiqueta. Porque a etiqueta é sempre colocada pra discriminar você. Então se você assume a etiqueta e diz "tudo bem, estamos aí", você desmoraliza a etiqueta e as pessoas bem pensantes já não podem mais dizer "oooh!"

JA — Pois é. A etiqueta é feita pra que você, com medo de ser etiquetado, se recolha à sua insignificância. Agora se você assume a etiqueta e dá risada, o que é que se pode fazer contra você?

AC — Eu noto nesse meio em que a gente vive — de artistas, jornalistas, intelectuais — uma titude quase generalizada de dizer que discutir sobre sexo é uma coisa antiga. Mas meu Deus, será antigo, na medida em que a polícia está prendendo bichas na rua, na medida em que as pessoas ficam indignadas quando alguém diz que é homossexual, na medida em que há gente sendo despedida do emprego por causa de sua preferência sexual? Mas que coisa antiga é esta?

NB — *Eu acho. Mas eu evoluí, caminhei. Eu mesma fui altamente colonizada. Só na França, quando deixei de ir ao cabeleireiro, de botar uma tinta no cabelo para conseguir uma cor mais clara, é que eu me dei conta: um dia, eu passei pela rua e encontrei um "camera" amigo meu, e ele virou pra mim e disse, "oh, ma negresse". Aí quando eu cheguei em casa fui para o espelho, me olhei e disse: "Ai, como meu cabelo é bonito, mas eu sou uma crioula linda". Sim, porque eu sou uma mestiça! Aí, quando eu cheguei aqui foi um escândalo. Porque eu cheguei com os cabelos pela cintura, enroscados como os seus (de Aguinaldo), e aí disseram logo: "drogada! Mística! Pirou!" eu respondi, "meu Deus, não, é que eu sou assim!" Quando viram que eu assumia o meu cabelo, as minhas rugas, o fato de ser mestiça, as pessoas se espantaram. Mas é que eu passei muda grande parte da minha vida, e quando comecei a falar, eu o fiz de modo muito agressivo. Agora não, eu encontrei uma linha do meio, porque inclusive já vi o outro lado da moeda, já estive em coma, já vi muita coisa, muita água passou embaixo dessa ponte aqui, já vi muita miséria, muita tristeza, muita dor. Então eu digo às pessoas, "olha gente eu sou assim; para viver um personagem eu posso me transformar, mas na verdade eu sou assim". Só que as pessoas não gostam disso, e então começam a dizer: "ela está louca, está drogada, virou mística". E me chamou de mística, eu digo logo que é a mãe. Ou o pai.*

AC — Então você nos conte um pouco dessa evolução: de vedete do Carlos Machado à Norma Bengell atual.

NB — *Eu sempre fui consciente. Fui muito massacrada pela família, então comecei a me rebelar. Com oito anos eu lavava, cozinhava e porque minha mãe trabalhava em hospitais públicos, eu já conhecia a miséria e a dor. Então eu era muito consciente, usava o meu corpo conscientemente para ganhar dinheiro, quando acabava o "show" — eu acreditava em ser uma grande estrela — eu ia pra casa namorar, não me vendia para os tubarões. Eu sabia que mostrando a perna todo mundo ia olhar. Dali comecei a me aperfeiçoar, porque comecei a fazer imitações, eu queria ser atriz. Agora de mostrar a perna eu tinha vergonha. Tanto que usava umas meias; você não vê uma foto minha daquela época em que eu não esteja de meias.*

AS — Mais precisamente: em que ponto do seu trabalho você acha que atingiu essa maturidade, esse amadurecimento?

NB — *Em "Cordélia Brasil", por exemplo. Mas eu acho que assumi realmente minha plenitude como ser humano depois que eu vi a morte, em Paris. Eu fiquei em coma. Psiquei, queria morrer. Eu tinha problemas, estava longe do Brasil, da minha família, com problemas políticos, vendo a miséria, a desgraça, aí eu quis morrer. Não andava bem, uma ligação muito importante na minha vida, uma ligação com uma moça (eu acho que não devo dizer o nome dela, porque não sei se ela gostaria, ela não me deu licença para isso), essa ligação estourou, e então...*

AC — Mas como é que essa coisa toda contribuiu para formar sua consciência?

NB — *Olha, eu acho que a consciência... Pelo menos pra mim que nunca tive universidade, toda a minha teoria veio da minha prática. Eu nunca li Marx, Engels, essas coisas, então minha conscientização veio da minha prática como mulher. De tudo o que aprendi, de tudo o que vejo na rua, da minha vivência, das minhas relações... Eu acho que melhorei, já devo ter sido insuportável. Eu acho que já transei o meu lado passivo e o meu lado ativo e me encontrei como mulher. Eu sinto às vezes uma coisa aqui no meio do peito que quase pode ser chamado de meu "centro emocional", isso não aprendi com ninguém não; aprendi sozinha, à custa de muita palavra. Este centro emocional eu dirijo numa boa; e quando vou para lugares completamente diferentes da minha cultura, entro em contradição e começo a me autoflagelar. Eu já vi o outro lado da moeda. Por isso é que digo: não quero etiquetas, não quero nada; o que existe é o ser humano, e existe a sexualidade dele, a vida dele e pronto. Agora, o que eu não quero é morrer muda. Eu quero viver num mundo em que não haja a discriminação.*

JA — E o que você está fazendo para que isso aconteça?

NB — *Eu estou fazendo alguma coisa. Por exemplo* (rindo). *Eu estou dando uma entrevista a vocês...*

A menina e o pássaro

O pássaro acuado
Acuem o pássaro
Ele está em liberdade

O pássaro está cercado
Ah, cercaram o pássaro de asas amarelas
Uns têm gaiolas
Outros alçapões
Gaiolas de ouro
Alçapões de prata

Mas o pássaro está livre,
No meio dos arranha-céus
Olhem,
O pássaro voou
Pousou

Cercaram o pássaro em volta
de um abacateiro

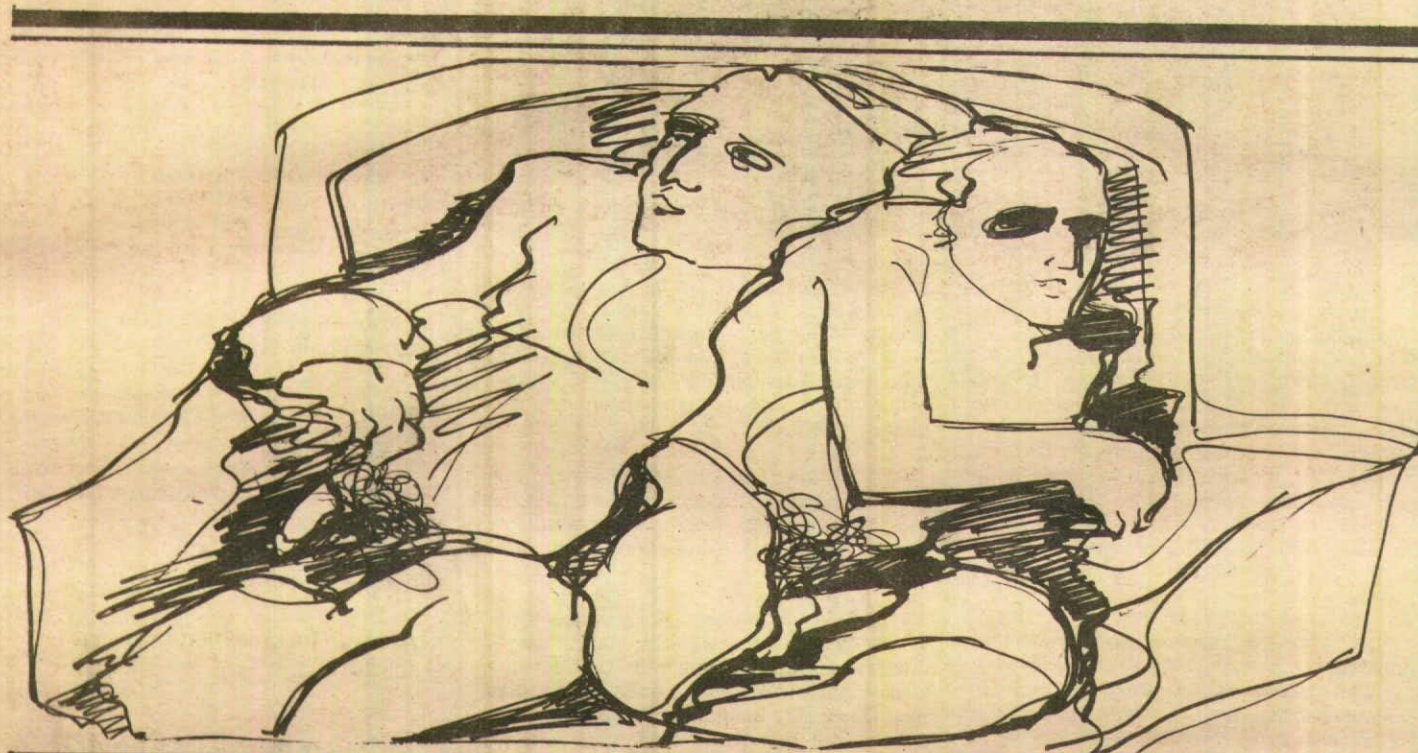
Gaiolas de ferro
Alçapões de prata

Fizeram um cerco em forma de funil
Prenderam o pássaro

Olhem, o pássaro voou

Dizem que foi uma menina quem
O soltou

(De Norma Bengell para LAMPIÃO)

O poema de Jean Genet — por quem LAMPIÃO da Esquina nutre o mais profundo amor — é gentileza do editor Nélson Abrantes, das Edições Mundo Livre, que lançará em breve um livro de poemas do autor (a tradução é de João Carneiro). Os outros dois são poetas jovens e nossos leitores. Políbio Alves, da Paraiba, ganhou ano passado o Prêmio SUAM. Tony Pereira é pernambucano e também gosta de prêmios: ano passado foi o quarto, entre 900 composições, na I Cantoria do Nordeste. (**Gasparino Damata**)

Marcha Fúnebre (I)

Jean Genet

MARCHA FÚNEBRE
I
Resta um pouco de noite numa esquina em decomposição.
Centelha em duros golpes em nosso tímido céu
(Suspiros se suspendem das árvores do silêncio)
Uma rosa de glória por sobre este vazio.

Pérfido é o sono onde a prisão me carrega
E mais obscuramente em meus secretos corredores
Iluminando os marítimos como belos cadáveres
Este altivo garoto que passa ao fundo da floresta

Ex-combatente

Tony Pereira

Ainda não me acostumei
a te olhar de frente
pela cicatriz que herdaste da guerra
nem a te ver dopado e brincalhão
quando, agonizante na rede, te alucinas
com bombas e morteiros,
ou quando, na cama às vezes, me arruínas
com tua impotência,
tua barriga dilatada,
tua barba sempre por fazer.

As incertezas do tempo

Políbio Alves

Tempo primeiro:
— os olhos do pássaro,
são pontas de aço
que abraço
círculo a dentro,
no jogo me concentro.
E na palma ainda fria,
seu calor me sacia.
É no pouso, o homem
agregado no gozo,
que o animal se consome;

"nosso amor
é contra/partida,
é des(z)amor,
ponto de vida.
O nosso ato
sobre as goteiras,
é desatrato
sob as esteiras.

O nosso uivo
é aço,
nosso mundo
eu faço.
Da nossa trama,
quem se ama?
E no meu avesso,
pago meu preço".

Em Curitiba e Florianópolis

Neste fim do mês de julho LAMPIÃO da Esquina amplia seu raio de ação e atinge, com festas, mais dois Estados da Federação: Santa Catarina e Paraná. Em Florianópolis, a festa do lançamento é no dia 28, às 21h, no bar Iron, à Avenida Oton Gama d'Eça. Em Curitiba, a história se repete dia 31, com festa na boate Celso's, à Rua Trajano Reis 365. Nos dois Estados o jornal chegará à mesma época às bancas; no Paraná por obra e graça da Ghignone, tradicional distribuidora local; e em Santa Catarina, pelas mãos da AMO, que levará o jornal também ao interior. Nas duas festas o nosso Conselho Editorial será representado por João Antônio Mascarenhas, emissário especial de LAMPIÃO em tais eventos.

Eles fazem filmes geniais, que nunca chegam às telas

Udigrudi: os marginais do cinemão brasileiro

Qualquer pessoa que esteja acompanhando — não necessariamente de perto — o desenvolvimento (ou subdesenvolvimento?) do cinema brasileiro, já deve ter ouvido falar — e como! — em chanchada, Cinema Novo, Cinema Marginal e outros rótulos que surgem conforme a onda do momento. Nesta matéria não vamos falar diretamente em pornochanchada, Cinema Literário ou no atual movimento Cinemão que a Embrafilme está incrementando, pois todas essas tendências não passam de reflexos condicionados e/ou conseqüências diretas daquilo que sempre foi o melhor — e por isso mesmo menos conhecido — cinema feito no País: Cinema Marginal, também conhecido por Cinema Udigrudi, "Underground", Subterrâneo ou Tupiniquim.

O cinema Udigrudi, mesmo não tendo uma teoria definida, já tem uma história. Começou em 1967, em São Paulo, na rua do Triunfo, quando um ex-motorista de caminhão, Ozualdo Candeias, deu à luz um filme não identificado de imediato: "A Margem", que eu ousei considerar "o filme mais deflagrador do cinema brasileiro desde *Limite* (1928), de Mário Peixoto". Como o filme não era Cinema Novo nem chanchada, passou a ser chamado de Cinema Boca do Lixo, um rótulo ou uma autodenominação que nasceu dos bate papos entre jovens cineastas que começaram a freqüentar o pedaço a partir do ano seguinte: Carlos Reichenbach, João Callegaro, João Batista de Andrade, João Silvério Trevisan, Sebastião de Souza, José Mojica Marins (sim, o famoso Zé do Caixão), Rogério Sganzerla, Candeias e eu, é claro.

O método de produção de Candeias em "A Margem" serviu de base. Era o melhor exemplo de como fazer um filme gastando praticamente só o dinheiro do material (negativo, revelação, câmera e nada mais). Rogério Sganzerla aprendeu mais com Candeias (que, aliás, foi quem ensinou produção a José Mojica Marins) do que no seu curso de Administração de Empresa. Posso afirmar isso porque cansei de ver o Rogério "tomando aula" com Candeias no bar Costa do Sol, na rua 7 de Abril.

Já em 66, o cinema paulista — sem ter nada a ver com o movimento emergente Boca do Lixo — decidia mostrar que também era capaz de fazer filmes altamente criativos e não aquelas vergonhas paleolíticas da Vera Cruz que deram a São Paulo a fama — muito justa, aliás — de não saber fazer cinema. Numa memorável noite desse ano, na Sociedade Amigos da Cinemateca, Francisco Luis de Almeida Salles apresentou três curtas-metragens montados por Rogério Sganzerla em 16/mm: "Documentário", do próprio Sganzerla, "Olho por Olho", de Andrea Tonacci e "O Pedestre", de Otoniel Santos Pereira. Todos eram deflagradores e o mais talentoso talvez fosse o de Tonacci, um cineasta que sempre preferiu ficar afastado de todo e qualquer movimento (com o média-metragem "Blá Blá Blá", ele ganhou o prêmio da categoria no Festival de Brasília, em 1968, embora o filme tenha sido proibido).

Em 68, Sganzerla realizaria uma espécie de "Cidadão Kane" brasileiro: "O Bandido da Luz Vermelha". "Meu filme é um faroeste sobre o Terceiro Mundo. Filmei a vida do Bandido da Luz Vermelha como poderia ter contado os milagres de São João Batista, a juventude de Marx ou as aventuras de Chateaubriand. É um bom pretexto para se refletir sobre o Brasil da década de 60". Essas frases brilhantes faziam parte de um manifesto que até hoje ainda faz as delícias de alguns entusiastas. Num outro trecho, ele dizia: "Jean Luc Godard me ensinou a filmar tudo pela metade do preço". Tudo bem. Eu não vi Rogério tomando aula com Godard ao vivo, mas sim com Candeias. Em todo caso, há pessoas — como Orson Welles, por exemplo — cujo talento justifica tudo. Rogério é uma dessas pessoas. Ele soube beber na melhor fonte brasileira (Oswald de Andrade) e na melhor estrangeira (Godard, Welles, Fuller). "O Bandido" ficou sendo o filme capital do Cinema Marginal, badalado unanimemente pela crítica. Não é "macumba pra turista" e por isso só não foi bem visto fora do Brasil, talvez — talvez? — porque as Oropas estivessem condicionadas pela dinastia do Cinema Novo.

Jean Claude Bernardet em "Orgia ou O Homem que Deu Cria", de João Silvério Trevisan: o intelectual que devora livros faz parte de uma galeria de personagens apocalípticos e deflagradores.

Bem antes de ser sócio de Sganzerla na produtora "Belair", isto é, em 68 mesmo, Júlio Bressane fazia seu primeiro longa metragem: "Cara a Cara". O filme estava muito influenciado por "Terra em Transe" e por isso não tinha muito a ver com Cinema Marginal. Estava mais para Cinema Novo. Um erro de visão que Bressane corrigiu logo em seguida, realizando um filme marginal ("O Anjo Nasceu") atrás de outro ainda mais marginal ("Matou a Família e Foi ao Cinema"). Mas a essas alturas já tinha pintado o ano capital do Cinema Marginal: 69.

O então INC (Instituto Nacional do Cinema) estava aumentando a taxa de obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais para 84 dias por ano. O Cinema Novo ainda fazia filmes políticos ("Dragão da Maldade", p. ex.) e já surgia a comédia erótica precursora da pornochanchada ("Adultério a Brasileira", de Pedro Rovai). Politicamente, com alguns meses de AI-5 nas costas, o País estava entrando numa fase decisiva de sua história.

O grande público que freqüenta cinema já não estava entendendo nada do que se passava no cinema brasileiro desde "Terra em Transe" (1967). As acusações mais freqüentes ao Cinema Novo era de que ele havia afastado o público das salas, cabendo lembrar que esse movimento aliás nunca levou ninguém aos cinemas (o Cinema Novo só teria feito se aproveitar do público afluente que a velha chanchada tinha conquistado).

Com tais perspectivas pela frente, a Boca do Lixo começou a esquentar. Todos os "teóricos" de 68 partiram para a prática em 69.

João Batista de Andrade (agora premiado por "Doramundo"/78) começou filmando "O Filho da TV", um episódio para o longa "Em Cada Coração um Punhal". O filminho, ainda hoje reprisado nos cine-clubes, é uma saborosa gozação com a sociedade de consumo e a publicidade, feito com raro humor para uma época de tensão. Outro episódio desse longa revelava Sebastião de Souza, que fez uma versão totalmente porra-louca do "Coração de Mãe", já na época definido por seu colega Carlos Reichenbach como o filme mais bicha do cinema nacional: "Uma fulgurante frescura, com sabor de eùcalipto, paira nesta delicadíssima canção de amor e sangue. Um cavaleiro majestoso volta e meia aparece dobrando sua mimosa mãozinha. E ao final deste banquete de pétalas, todos os personagens brindam o espectador mui respeitosamente: Próstata!" (São Paulo Shimbun", 7/5/1970).

A "sintonima marginal brasileira", de que fala Torquato Neto, que aliás contribuiu com boas sacadas críticas para definir o Cinema Marginal em sua coluna na "Ultima Hora" carioca, certamente já existia desde 67, mas só em 69 ela ficou evidente: era Boca do Lixo em São Paulo, Beco da Fome no Rio, Bico do Lixo em Manaus, Boca do Inferno em Salvador. A palavra de ordem era filmar adoidado, gastar muito filme, muito fumo. Muito Jimi Hendrix. Piracão total.

Em Salvador, André Luiz de Oliveira fazia "Meteorango Kidd, o Herói Intergalático", tremenda curtição que violentava alguns preconceitos da província, enquanto Álvaro Guimarães realizava "Caveira My Friend", outro filme que também parece ter saído de uma cuca altamente lisérgica, segundo aqueles que o viram em raras sessões especiais, tão especiais que foram feitas nos próprios laboratórios de revelação. Márcio Souza (hoje famoso escritor de "Galvez" e "A Expressão Amazonense") vinha de Manaus para chafurdar no Lixão paulista, conseguindo terminar um curta belo e escroto sobre Oswald de Andrade ("Bárbaro & Nosso"). Júlio Bressane ignorou Censura e público, começando a fazer uma série de longas que até hoje continua — o recente "Agonia" deve ser o seu décimo quinto filme e outros jovens da pesada engrossavam as fileiras do Cinema Marginal: Eliseu Visconti ("Os Monstros de Babaloo"), Luís Rosemberg Filho (depois de seis longas, alguns proibidos, outros não lançados, este cineasta volta a dar murro em ponta de faca com "Crônica de um Industrial", que deveria ter sido exibido na Quinzena dos Realizadores no último Festival de Cannes, mas foi interditado às pressas pela Censura sem maiores explicações).

O ano de 69 ainda não tinha terminado e já se sabiam os primeiros resultados dessas tentativas de mergulhar no avêsso da realidade brasileira, de documentar o clima de desespero, de explorar o inconsciente e/ou penetrar no campo da irracionalidade humana em tempos politicamente perigosos: "Ritual dos Sádicos", de José Mojica Marins, feito em 68, e que eu parituclarmente considero melhor do que "A Meia Noite Levarei a Sua Alma" (1965) e "A Meia Noite Encarnarei no Teu Cadáver" (1967), tinha sido interditado (e continua, ao que parece, pois Mojica recusa-se — ainda bem — a fazer os cortes determinados); "República da Traição", talentoso policial de Carlos Eghbert, também proibido (até hoje também). Esses não eram filmes "malditos", mas tornaram-se devido a tais percalços.

Em 1970, quando João Silvério Trevisan realizou "Orgia ou O Homem que Deu Cria", o Cinema Marginal, desarticulado enquanto movimento, teve um enterro à altura. O filme, um painel do próprio desespero do cinema brasileiro através de suas épocas e gêneros, tem a mais rica galeria de personagens marginais do cinema marginal brasileiro: um cangaceiro que dá à luz, um anarquista que implode, um rei crioulo tartamudeante, índios antropófagos devorando bebês. Jean Claude Bernardet surge no papel de um intelectual que se enforca entre livros e arbustos. E o próprio Trevisan surge estrebucnando nas ruas de uma cidade/cemitério (São Paulo, é claro). A Censura não interditou o filme. Apenas determinou cortes que o realizador não quer fazer. Está certo ele: oito anos na Censura não faz muita diferença para um filme que está 50 anos à frente de seu tempo.

Muitos filmes do Cinema Udigrudi continuam nas prateleiras até hoje, impedindo a crítica de ter uma visão abalizada do que foi esse período obscuro do cinema brasileiro. Depois de 1971, registram-se apenas tentativas isoladas, algo como estilhaços que apontam para rumos diferentes: "Lilian M — Confissões amorosas" (1974) de Carlos Reichenbach, uma chanchada "Underground "Assuntina das Américas" (1976), anti musical sobre a realidade brasileira e "Crônica de um Industrial" (1978), um "vôo existencial sobre o vazio do homem político", ambos de Luís Rozemberg Filho; o documentário metacinematográfico de Ivan Cardoso sobre José Mojica Marins; sem contar ainda o meu longa Super I, "O Vampiro da Cinemateca" (1977), que eu defino como Metaudigrudi, ou seja, um cinema diretamente interessado nessa obscuridade do cinema nacional.

Atualmente, como se sabe, a Embrafilme está oferecendo grandes facilidades a quem quer filmar. Basta apresentar um roteiro de pornochanchada de luxo disfarçada de filme histórico e sair montado no tutu. Um cineasta que era marginal como Neville D'Almeida sai da lona de um dia para o outro com o bem sucedido "A Dama do Lotação", exemplar do que ganhou o nome de movimento Cinemão, ou seja, o cinema repressivo porém comercial da Embrafilme. Para quem não sabe, Neville é o mesmo diretor de "Jardim de Guerra" (1968), um dos filmes mais perseguidos pela Censura, "Piranhas do Asfalto" (1970), outro filme Udigrudi e ainda "Mangue Bangue" (1971), todos marginais. Rogério Sganzerla, por sua vez, preferiu ficar de escanteio durante 8 anos, "estudando Shakespeare e arqueologia", mas agora volta à tona com "O Abismu ou Sois Todos de Mu", ensaio perturbador onde reafirma sua independência a qualquer custo. Luís Rosemberg Filho, que é cineasta Udigrudi há 10 anos, pensava ver a sua "Crônica de Um Industrial" senão em Cannes ao menos no mercado interno, mas até o momento a Censura não liberou o filme. Rosemberg ameaça abandonar o cinema de vez e confessa que está menos impressionado com a atitude da Censura do que com o silêncio brutal de seus "colegas" e contemporâneos, "o que caracteriza bem o fascismo cultural em que vivemos", declara amargamente o cineasta.

Jairo Ferreira

Este artigo é uma súmula introdutória ao livro UDIGRUDI PAPERS, que Jairo Ferreira vem escrevendo sobre o cinema marginal brasileiro.

o filme

Os perigos de Carvana

Depois do sucesso de **Vai trabalhar, vagabundo,** Hugo Carvana reaparece com **Se segura, malandro.** Não sei se os personagens da nova película têm a ver com os do primeiro filme. Pelo que Carvana conta numa entrevista recente, parece certo pelo menos que **Se segura** continua o clima populista de **Vai trabalhar,** tentando "descobrir o gesto brasileiro, a fala, o som, o comportamento", conforme as palavras do próprio diretor.

Apenas recentemente vi *Vai trabalhar, vagabundo*. Para ser franco, achei o filme em geral bastante chato, feito com receitas de pornochanchada passadas a limpo para o bom-gosto da classe média "fina". Mas o que mais me chamou a atenção foi o conformismo ululante que pervade o filme. Ele não só faz a apologia como constrói-se dramaticamente em cima de valores já consagrados na sociedade patricarcal: mulher-objeto, bebida, jogatina, espírito de competição, supremacia do macho e lubricidade reprimida entre os homens. Por pura complacência política do filme, o machismo dos personagens é apresentado como autêntica "coisa nossa" e praticamente exaltado como valor "popular". "Popular", no caso, é sinônimo de *certo*, *justo* e *indiscutível* (aquela mania populista de mistificar *tudo o que achamos que é o povo*).

Além disso, **Vai trabalhar** é mais um filme feito em cima do surrado tema do "amigão do peito" — um escapismo característico do cinema homofóbico do mundo inteiro. Nesse tipo de cinema é comum, por exemplo, haver um amigo do mocinho sempre disposto a ajudá-lo, eventualmente sacrificando-se por fidelidade a ele — algo entre o martírio e o heroísmo como saída mais "digna" do que o amor, que nesses filmes nunca ousa dizer ser verdadeiro nome. O homossexualismo de "Vai trabalhar é latente e, às vezes, quase explícito, apesar do próprio filme. O personagem Russo, sobretudo, anda na corda bamba: tem seu "amigão" de hospício, e "ingenuamente" chega a tomar banho de chuveiro com ele — ambos acompanhados de uma mulher e bêbados, evidentemente Russo é um personagem quebradiço ao ponto de parecer impotente, além de ser narcista e atormentado (está no hospício por acoolismo). O **impotente, narcisista e atormentado** são características que compõem perfeitamente o estereótipo da bicha numa cultura machista.

Mas tem também o personagem de Carvana, que oscila entre o casamenteiro e o sedutor de homens e mulheres (mulher para a cama, homem para a sinuca — duas facetas de um mesmo jogo). Nos momentos difíceis, provocados por seu apetite de macho, eis a salvação: ele desmunheca (gestos exagerados e "superengraçados"), finge-se de viado e pronto! Quer dizer: sugere-se que, fora da relação caça-caçador, só resta ao homem tornar-se eunuco da mulher. Além disso, não se pode esquecer o irresistível (ou inconfessável) desejo de ser a fêmea, naturalmente permitido ao macho em momentos mais desculpáveis — e então, todo mundo ri. É evidente que, nesse contexto, não poderia faltar a dose de misoginia comum às nossas comédias eróticas. Em **Vai trabalhar**, isso é confirmado pela presença de mulheres extremamente desejáveis e comumente generosas com os homens que as desejam (estereótipos sexuais do feminino "puro"). O ponto de vista do filme e dos personagens masculinos coincide a respeito das mulheres, apresentadas como simples complemento da vida que os machos compartilham, ou como um impecilho a ser vencido, ou como pivô do drama que os homens desenrolam entre si ("serviço pra macho resolver", diriam eles). Para tanto, as mulheres precisam ser debilóides e caprichosas (o personagem de Odete Lara), ou sedutoras e traiçoeiras até o ponto de alcagüetar o macho, por ciume (o personagem de Zezé Mota, "naturalmente" mais selvagem por ser empregadinha e preta).

Em resumo, o filme sugere o binômio macho-fêmea como envolto em fatalidades: se, por um lado, a mulher vem quebrar a ordem natural do "temperamento" masculino, por outro, essa ruptura é parte da própria ordem, porque leva o casamento ou "completamentação" macho-fêmea. Também fatalmente e dentro da "ordem natural" das coisas, o homem será o rebelde a fugir de casa e a mulher cumprirá o papel de tirana do lar, trazendo-o de volta para seus deveres. Apesar dessa evidente caracterização da mulher como elemento repressor e negativo, no final a esposa vence, obrigando o marido a jogar para provar que é macho, e o redime: Babalu (o casado) vence Russo (o "indefinido"). Trata-se de uma reconciliação que leva o filme de volta ao começo, outra vez à paz do lar.

Enquanto isso, o personagem interpretado pelo próprio Carvana veicula uma malandragem folclorizada cujo papel é salpicar o filme de leveza, irresponsabilidade e escapismo. Nele, o morador (e sofredor) da Zona Norte passa pela ótica dos bem humorados (e bem-instalados) intelectuais de Ipanema e confunde com o chavão do "malandro carioca" (*bom-vivant*). No final, é também ele quem distribui dinheiro para todos, de tal modo que todos acabam felizes, dentro desse acordo geral: os atores saudam alegremente a platéia e a platéia, envaidecida, bate palmas. Para o bem da família brasileira, está salvo o macho nacional, que mais uma vez sai ileso e fortalecido de tantos perigos incríveis. Aguardamos o próximo capítulo.

João Silvério Trevisan

a peça

Um arco-íris desbotado

Para Mulheres que Pensaram em Suicídio/ Quando o Arco-Iris Basta é o atual cartaz do Teatro do BNH, que reabriu suas portas para um texto vindo diretamente "off Broadway". A autora é Ntozake Shange, que apesar do nome africano é americana. O espetáculo mostra sete mulheres (vestidas com as cores do arco-íris) qüestionando os seus direitos e discutindo os seus problemas na relação homem-mulher. Os diálogos são em forma de poemas associados à coreografia (**coreopoema**).

Esta peça foi apresenta nos Estados Unidos por um grupo de mulheres negras. Uma das questões que podem ser levantadas, em termos de produção, é o porquê desta montagem não ter sido apresentada com mulheres negras aqui no Rio. Obviamente sem fazer uma apologia da raça, mas sim como forma de dar oportunidade para atrizes negras, que dificilmente podem participar com destaque de nossas produções no teatro, cinema e na televisão; Ruth de Souza, Jacira Silva, Chica Xavier e tantas outras, que poderiam deixar de lado os papéis de empregadas domésticas, babás, lavadeiras, etc., e ocuparem o lugar que infelizmente lhes está faltando.

Será que em termos de produção, ainda se torna "muito ousado" um trabalho somente com mulheres negras? Enquanto isso Oswaldo Sargentelli fatura bem alto com as Mulatas Que Não Estão no Mapa, no Oba Oba, tornando-se um dos mais ricos empresários do **show-business.** Paralelamente, Ruth de Souza (a divina dama negra) já foi reconhecida no exterior quando concorreu ao prêmio (como coadjuvante) Leão de Veneza, juntamente com Katherine Hepburn, Michele Morgan e Lilly Palmer, enquanto aqui no Brasil ainda luta para conquistar um lugar que já é seu, porém utopicamente.

A tradução de Elida Brito, que também dirige o espetáculo, consegue fazer com que o texto se torne muitas vezes vibrante, mostrando uma feliz adaptação. Em relação à direção, o trabalho está correto e obedece ao "timing" necessário para que os poemas não se tornem monótonos e cansativos. No que diz respeito à coreografia de Nelly Laport, a peça perde o seu brilho e leva o arco-íris a um desbotamento. Resume-se basicamente num entra-e-sai das atrizes. Mesmo ante a presença de uma batucada, todas (com exceção de Léa Garcia) não conseguem interiorizar o ritmo, que afinal de contas é nosso; o que vemos é um grupo dançando tão mal que até parece estrangeiras num ensaio de escola de samba.

A iluminação de Fernando Pamplona (algumas fontes nos informam que ele não chegou a concluí-la, o que é uma pena) é de um inexplicável amadorismo; resta saber quem a terminou. Perde-se aí os bons recursos do Teatro do BNH, um dos mais modernos do País, e mais uma vez o arco-íris se ofusca. O cenário de Oracy Gemba é limitado e nada acrescenta.

Léa Garcia no Arco-íris

Enfim, **Para Mulheres Que Pensaram em Suicídio/ Quando o Arco-Íris Basta** se enquadra nas categoria dos espetáculos razoáveis. Tem apenas um destaque entre as atrizes, a presença de Ada Chaseliov, numa bonita "performance".. O restante do elenco (Léa Garcia, Ângela Leal, Stela Freitas, Maria da Guia, Sílvia Chemecki e Regina Costa) consegue dar o recado com bastante esforço e mais nada.

Adão Acosta

Mitos do teatro nordestino

As preocupações com um "teatro genuinamente brasileiro, isto é, de assuntos nacionais que, bem tratados, torna-se-iam universais", remetem-nos à figura do Teatro Popular do Nordeste (tendo Hermilo Borba Filho como seu maior ideólogo e encenador), já desaparecido, que encampou a idéia de buscar as raízes universais do Teatro Nordestino nas manifestações populares como o Bumba, o Mamulengo, o Pastoril e outras. Não só Hermilo encampou essa idéia; em determinado momento, também a dramaturgia de Ariano Suassuna e de outros autores nordestinos, à exceção de um **Joaquim Cardoso,** que com esperteza repensou com criticidade seus Bumbas — apaixonantes **teoremas** Vida/Morte de uma realidade social concreta.

Essa **universalidade** mistura Bastiãos com Arlequins, e chêga ao ápice quando coloca o migrante nordestino a **relembrar** o "esmoler de outrora, Édipo, o que foi Rei..." E isso não é nada; chega-se mesmo a dar as mesmas condições climáticas da Grécia ao Nordeste brasileiro. A História, neste processo de universalização, fica mesntruada, disfarça-se no Modess dos cavalos marinhos, engravida Minotauros Globais e vai pra cama com as caiporas. E assim, este TN, que busca todas as raízes, menos a **mandioca,** nada acrescenta criticamente ao presente, nem mesmo esclarece alguma coisa do passado, além de obscurecer os processos contraditórios que se operam no interior da sociedade.

O sol feriu a terra e a chaga se alastrou de Vital Santos, direção de Luís Mendonça (que esteve em cartaz no Rio, agora faz temporada em São Paulo), localiza-se em algumas áreas míticas do turismo teatral nordestino: retirantes, coronéis, cangaceiros, caiporas, fanáticos etc.. O texto de Vital, inspirado na literatura de cordel, tenta inscrever-se numa perspectiva mágica cuja fantasia deveria sobrepor-se à Razão. E é possível que sob este aspecto tente disfarçar a sua **falsa consciência** da realidade concreta que o cerca, de sua História.

Os migrantes saem das terras do Coronel Zé do Cão sob a liderança de Jorge, que discursa longamente sobre o não-autoritarismo: "aqui ninguém vai dar ordens", "será um por todos e todos por um"; no entanto ele mesmo se faz a **autoridade** da nova sociedade sobre os interesses dos retirantes, que, por falta de um projeto político coletivo, deixam-se subjugar a uma liderança carismática, confundindo forma política com atributos de um homem, do líder. A notícia se espalha pelo Sertão: **a bastilha é tomada através do abandono.** As idéias de liberdade, igualdade e fraternidade sugerem um núcleo de aliança da oligarquia rural com os camponeses, sobretudo através do casamento de Rosinha, filha do coronel Zé do Cão, com Jorge, o herói do Sertão. A Igreja e o Estado, infalíveis defensores do coronelismo, não conseguem dobrar esta, **doce** revolução, e entra em cena o cangaceiro Brilhantina, que vem em auxílio do Coronel para debelá-la. A comunidade de Terra Santa e o coronelismo são varridos da face da terra (suinocultura?). Brilhantina, sendo julgado posteriormente pela Cúpula do Poder, agora metamorfoseada em Santa Madre Igreja, é condenado à morte. Jorge, ressucitado (?), canta uma canção pedindo a Brilhantina que volte transformado em passarinho, para fazer justiça. E aí todos cantam: "De repente surge no céu um pássaro branco trazendo paz e amor": o Sertão virou mar (Filhos de Gandhi?).

Mesmo tendo incursionado no Universo Glauberiano e João cabralino, Vital não esclarece as condições históricas em que foram canalizadas a insatisfação e a agressividade dos retirantes para o fanatismo religioso cristão, disfarçado numa tentativa inconsciente de socialismo sertanejo. As estruturas míticas **vitalinas** realçam a imagem carismática do líder político, elevam Jorge ao posto de Herói, por cuja razão o povo o seguiu, e que o leva a comparar-se a Tiradentes, herói legitimado pelas classes dominantes, sem realçar que a falta de consciência política dos personagens é que levou-as a viver nestas condições.

A encenação quase não interfere no texto, quase não indaga como ocorrem suas significações. Não compreende, nem informa suficientemente a estrutura sócio-política-cultural do Nordeste, embora seu elenco tenha ido "às raízes" para fazer "trabalho ligado à terra".

"O Sol..." em sua construção dramática, embalsama suas idéias latentes e manifestas, a partir do momento em que fica a lamentar e denunciar os poderosos, sem investigar em profundidade a realidade dos estratos dominantes em seu pleno exercício de Poder, e como ocorrem as relações contraditórias dos oprimidos entre si e com os opressores. Uma doce revolução é debelada por um poder brochado, e o latifúndio semifeudal do Nordeste chega a ser tomado como um **metateatro medieval** (Armorialismo? Novo Regionalismo?). A preocupação **voyeurista** de uma Frente da intelligentzia teatral (não só teatral) brasileira para com a "irreverência a criticidade" da "herança cultural do teatro nordestino" (nortista inclusive), não discute o verdadeiro discurso de representações deste mesmo teatro.

Do Alto da Caatinga, Zeferino tá berrando. Jorge, Mateus e Cancãos não querem dar ouvidos: O Reino dos céus já lhes pertence: questão de Biorritmo?

Antônio Cadengue

o livro

História da sexualidade

A obra do pensador francês Michel Foucault aos poucos vem sendo dada ao público brasileiro através de traduções de suas obras, quase sempre com um atraso considerável em relação às publicações originais. Junto com outra obra de vulto, "História da Loucura", esta "História da Sexualidade" vem completar, ampliar, fazer a exegese sobre temas mais palpáveis de suas primeiras obras, marcadamente de caráter filosófico e antropológico como por exemplo "As Palavras e as Coisas".

Na realidade o que é possível encontrar nas livrarias é o primeiro volume de uma série de seis que a Editora Graal está colocando à venda, um volume de apresentação da obra como um todo, seguida da exposição metodológica empregada pelo autor para traçar uma história sobre o discurso sexual através dos tempos, suas ampliações e fonte de consulta para se estabelecer um pensamento através destes discursos.

Intitulado **A Vontade de Saber**, este primeiro volume da "História da Sexualidade" nos introduz por entre os meandros densos, enganosos, repressivos, fantasiosos que o homem ocidental encontrou para referir-se ao sexo, criando o que Foucault chama de uma **scientia sexualis** em oposição à cultura oriental que sempre possui uma **ars erótica**. Esta diferença fundamental entre as culturas já nos remete a uma tomada de posição diametralmente oposta, de uma hipótese repressiva a priori assumida pelo ocidente, marcadamente depois do cartesianismo do século XVIII. A sociedade burguesa ascendente que se formava então, no seu afã de multiplicação do capital e máxima exploração da mão-de-obra, criou um aparato verdadeiramente demoníaco de poder que tudo sabe, tudo controla, tudo envolve. A prática da confissão, incrementada após a Contra-Reforma, passou a ser o critério de verdade por excelência. Esta prática, disseminada amplamente no corpo social, criou o Estado todo poderoso e tentacular, que relaciona a economia política da população com suas condutas sexuais, suas determinações e efeitos, sua prática e moral.

Ficou criado, assim, o hiato alienador entre a primitiva confissão cristã que ligava a concupicência à confissão redentora (mas expressa na primeira pessoa, portanto fruto de uma integração homem/universo) e a nova postura impessoal, diversificada, objetiva, assumida pós-século XVIII, que criou nos discursos sexuais toda uma gama de tensões, arbitramentos, conflitos, esforços de ajustamento e fundamentalmente, a dispersão do indivíduo, incitado continuadamente a falar sobre o sexo e sobre si, mas dentro de uma ótica coercitiva, metodizada, morfologizada e basicamente alienada.

Nunca se falou tanto sobre sexo como nos últimos três séculos, e cada vez mais. A era vitoriana do século XIX organizou um movimento contrífugo no seio da cultura e da moral, isolando de um lado a monogamia heterosexual e de outro as "perversões". Assim como cresceram os discursos sobre a estabilidade, a legitimidade e a lógica da relação heterosexual monogâmica, multiplicaram-se as revoltas e as consequentes punições à sexualidade periférica, não oficial.

A descrição de Foucault sobre a homossexualidade é um exemplo: a sodomia dos antigos direitos civil e canônico era um tipo de ato interdito e seu autor não passava de um sujeito jurídico. O homossexual do século XIX passou a ser um personagem, uma história, uma infância, um caráter, portador de uma fisiologia e de uma anatomia indiscreta. A categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade foi constituída no dia em que foi catacterizada — em 1870 no artigo de Westphal sobre as "sensações sexuais contrárias" — quando foi transferida da sodomia para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, o homossexual é uma espécie.

Como diz Heidegger a palavra vela e revela. E este princípio foi seguido por Foucault ao analisar os discursos sobre o sexo, classificando a psicanálise e suas decorrências médico-culturais como o retorno possível para se reorganizar os discursos sobre o sexo sob uma perspectiva abrangente e polivalente, revelando o que sempre se quis velado.

A segunda parte deste **A Vontade de Saber** constitui a exposição metodológica a ser seguida pelo autor em sua análise. Se o saber-poder estruturou sua onisciência no seio da família monogâmica, como célula reprodutora de todos os mecanismos de auto-regulação do aparelho do Estado, é exatamente neste núcleo que será estudada a sexualidade: a sexualização da criança, a histerização da mulher, a especificação dos perversos e a regulação das populações.

A importância da obra de Foucault, apenas esboçada neste volume introdutório, está no fato não de abrir um novo discurso sobre o sexo mas de toda a sexualidade, enfrentando suas especificidades e suas implicações, fornecendo para as ciências humanas não apenas um método mas uma **suma** de Saber para enfrentar o Poder; tarefa esta, aliás, que apenas a poesia e a arte conseguiram em seus raros momentos de iluminação.

História da Sexualidade, de Michel Foucault. Edições Graal, Rio, 1977. Traduzido de "Historie de la Sexualité", Gallimard.

Edélcio Mostaço

Tirando as etiquetas

Houve um aumento considerável de publicações sobre sexualidade nos últimos anos. Infelizmente muitos dos livros que surgiram, vieram repletos de esteriotipias sociais e até científicas, como a "crença" na existência de compartimentos sexuais estanques, como se realmente houvesse "o homossexual", "o heterossexual", "a lésbica", etc... Poucos são os autores que parecem se lembrar que desde a década de quarenta Alfred Kinsey já tinha destruído tais classificações, aceitando-as apenas como adjetivos para atos sexuais, e nunca para rotular indivíduos concretos.

Por tudo isso é com grande satisfação que vemos a publicação entre nós do Relatório Hite, pesquisa realizada há dois anos nos Estados Unidos, estudando temas como a masturbação, o orgasmo, o lesbianismo e a escravidão sexual da mulher. Os machões que se cuidem, pois Shere Hite mostra que a maioria das mulheres, além de se queixar do egoísmo sexual dos companheiros, não necessita do coito para obter prazer e orgasmo. "Não é a sexualidade feminina", diz a autora "que tem um problema, é a sociedade que é problemática na sua definição de sexo e no papel subordinado que essa definição confere às mulheres".

Apesar de alguns pequenos enganos na tradução ou revisão de termos técnicos (vide pág. 185, onde consta "glândula clitorial" em vez de glande clitorial), o livro é excelente em seu conjunto. Além dos dados estatísticos bastante significativos, utiliza muitos depoimentos pessoais, o que não só facilita a leitura para o grande público como também dá à obra um tom por vezes emocional de grande valor humano: "penso que todos nascemos sexuais, isto é, que cada um nasce com o desejo natural de se relacionar com todas as outras criaturas — animais, plantas, nós mesmos, mulheres, homens — quando sentimos amor ou comunicação com eles; mas a sociedade nos ensina a inibir qualquer desejo que não seja por parceiros com quem é possível procriar, e então nos desperta entusiasmo pelo "ato" enfiando goela abaixo o ideal do amor romântico combinado com o casamento, até o ponto que não se possa pensar em outra coisa".

É isso aí: um livro para ser lido por todos, homens e mulheres, uma obra a mais na luta contra preconceitos e repressão.

"O Relatório Hite", de Shere Hite. Tradução de Ana Cristina César, Difel, 1978.

Henrique Neiva

o show

Quartetos, Ivan, Lennie

Ao Vivo — I

O **show** Cobra de Vidro, com o Quarteto em Cy e MPB-4, tem levado — literalmente — multidões ao Teatro Carlos Gomes, Praça Tiradentes, Rio. Merece. "A cantar musiquinhas fáceis, sempre preferimos um repertório ligado ao que somos e pensamos, o que não elimina, até pelo contrário,a busca do lirismo, da beleza, do prazer de cantar", diz Aquiles, um dos integrantes do MPB-4. Pode-se considerar positivos ou não os caminhos, de clara participação social, percorridos pelos dois vocais. Aos quinze anos de vida artisticamente útil delas; aos treze anos de existência deles, alguns desacertos foram cometidos, o principal um certo tom de comício imaturo, espécie de resposta mal dada às ásperas dificuldades por que têm passado com a Censura. Entre altos e baixos, acima de tudo em evidente trajetória de amadurecimento musical, chegam, agora, à realização de "um velho sonho", a revisão conjunta da carreira e posição dos dois grupos. Prejudicados apenas pelo excesso de telões que descem e sobem a todo instante, pelo festival de enfeites e **slides**, Quarteto em Cy e MPB-4 encontram em Cobra de Vidro o seu vôo perfeito. Tal como nos versos de Ferreira Gullar escritos especialmente para o espetáculo: aprenderam a voar. E, no vértice do vôo, está este encontro emocionado e emocionante, de oito cantores lúcidos, que sabem o que, para que e como cantar.

Ao Vivo — II

Nos Dias de Hoje, de Ivan Lins, obteve compensadoras bilheterias e críticas em sua temporada carioca, antes de partir para excursão nacional. O compositor-cantor parece ter chegado ao mais que certo de si mesmo, da carreira. Antigos falsetes miltonascimentianos, tremolos arrematadores de passagens de tons, todo seu estoque de maneirismos de ocasião sucumbem à clareza da técnica exata, que consegue colocar sob controle a extrema emoção. Dessa emoção canalizada ele se serve, por exemplo, para provar que um recital pode girar em torno de idéias, do princípio ao fim, sem que o intérprete tenha de gritar suas verdades, sair de sua compostura, para que se entenda a intensa gama do que tem a transmitir. Bandeira do Divino, de Ivan e Vitor Martins, levava o público do teatro Casa Grande ao delírio, o ritual para-litúrgico popular da Folia do Divino acrescido de explícitos significados poéticos: "Que o perdão seja sagrado/ que a fé seja infinita/ que o homem seja livre/ que a justiça sobreviva".

Ivan Lins: a emoção exata

Ao Vivo — III

Pela entrevista do LAMPIÃO Nº 2 todos já devem ter percebido o valor real de Lennie Dale no **show** nacional: aos (segundo ele) quarenta anos de idade, **cana** nas costas por porte de maconha, vítima de atropelamento que lhe quebrou um número (a contar, por suas declarações) variável de costelas, não dança mais a metade do que dançava nos tempos do Nigth and Day ou dos Dzi Croquettes. Cantar, propriamente, nunca cantou; falar, só com o pesado sotaque do Brooklyn que nunca perdeu. Da soma dessas deficiências, no entanto, ele constrói o peso (e a graça) de sua presença cênica. Isso fica claro no **show** 1707/839 (título extraído de sua carteira, modelo 19). Vale por suas (im)possibilidades, sua glória, pela coragem do cara que sempre foi ao fundo de tudo em que se meteu. Roteiro confuso, texto fracote, o musical é Lennie, mais Lennie, vezes Lennie. Ele está ótimo, inclusive nos sarros que tira, no palco, com um menininho muito do engraçadinho. Uma autobiografia musicada, feita para deleite de qualquer tipo de platéia. Às favas as deficiências do roteiro-texto-montagem. Êta "bicha tinhosa", como diz ele. Um ser luminoso, diria eu. E que profissional!

Antônio Chrysóstomo

a exposição

MAM — COMO A FÊNIX

No incêndio do Museu de Arte Moderna do Rio queimou-se muito mais do que uma inestimável coleção de quadros e esculturas. Núcleo de cultura viva desde sua fundação, o MAM foi o responsável pela formação de algumas gerações de artistas plásticos, cineastas, atores e pesquisadores de arte. As atividades que ali se desenvolveram representam o que de mais dinâmico já se fez neste país nos últimos 20 anos em matéria de criatividade. A característica principal do MAM, remontando à sua fundação e ao período pioneiro da sede improvisada nos pilotis do antigo Ministério da Educação, foi o respeito à liberdade de manifestações e criação.

Em anos recentes surgiram várias vozes — e a minha sempre esteve entre elas — que discordavam dos rumos administrativos tomados pelo Museu, do diletantismo e falta de preparo de sua diretoria que, deslumbrada com as facilidades propagandísticas proporcionadas pela TV e as colunas sociais, estava transformando a instituição num reduto de grã-finos desocupados e artistas bacanas, muitas vezes estrangeiros (como o austríaco Hundertwasser), só interessados em se pavonear. A desculpa era que estes tinham sido impostos por altas autoridades ou embaixadas estrangeiras. E os desfiles de fantasias para o Carnaval, as feiras de cachaça, as mostras de propaganda sob capa cultural? Bem, o governo jamais entregava as magras verbas prometidas e o MAM naufraga em dívidas. Até aí tudo bem, ou tudo mal, não importa agora. O certo é que os críticos dessa situação nunca sofreram constrangimentos no Museu; sempre se respeitou a opinião de cada um, o direito de divergência. E mais: o espaço que se chamava "área experimental" era um santuário onde as artistas desenvolviam suas propostas sem qualquer tipo de intromissão paternalista ou de censura da diretoria.

É pela continuação e ampliação dessa mentalidade que os interessados na cultura têm de lutar. E ela deve servir de base para uma revisão total do nosso sistema de arte. Ao mesmo tempo que se reconstrói o MAM, estende-se esse enfoque pioneiro à toda a cultura brasileira.

Francisco Bittencourt

Porto Alegre retifica

Senhores editores: acreditando na capacidade dos redatores e responsáveis pelo novo (e bom!) jornal LAMPIÃO, eu e meus colegas de trabalho fizemos uma assinatura do mesmo e propagamos entre amigos e clientes essa nova iniciativa jornalística.

Assim sendo, como assinante, tomamos a liberdade de levar até a redação o nosso protesto contra um artigo publicado no nº 2, referente ao roteiro dado para homossexuais nas cidade de Brasília, Niterói e Porto Alegre. Das duas primeiras pouco conhecemos e nada temos a dizer, mas no que toca a Porto Alegre os senhores tenham a santa paciência: o que foi publicado como roteiro para homossexuais nessa cidade é um absurdo. Pelo amor de Deus, quem é o responsável por esse artigo? O Sr. José Luís Dutra de Toledo realmente conhece Porto Alegre e ambientes? Faço essas perguntas (abismado!), porque é uma falta de respeito e responsabilidade o que ele escreveu, principalmente para um jornal que pretende ser sério e abordar seriamente assuntos referentes a homossexualidade.

Como o Sr. José Luís Dutra de Toledo pode ter a coragem de indicar lugar como Praça da Alfândega, Viaduto Borges de Medeiros e principalmente o Parque da Redenção (olha que ele dá ênfase para o horário: noite!). Será que este senhor não tem conhecimento que estes lugares são freqüentados por marginais e até assassinos e que nos mesmos lugares acima já foram cometidos assaltos e mortes?

Ficamos preocupados a partir de hoje se podemos confiar nos roteiros publicados pelo LAMPIÃO. Onde está a responsabilidade jornalística desse indicador e principalmente do jornal?

Assim sendo, renovamos o nosso protesto e solicitamos que seja publicado, para o bem de todos os leitores e turistas, esta carta na íntegra, estando ela bem ou mal escrita. Caso contrário nos negamos a continuar recebendo o jornal e mesmo propagá-lo.

Haguel La Porta
Porto Alegre-RS

R. — Ih, Haguel, houve uma confusão qualquer. Quando fala nesses pontos perigosos, Zeluís diz que são "pontos escolhidos pela lumpen-homossexualidade", ou seja, pela marginália homossexual. Ele não os recomenda a ninguém. Assim, você não precisa ficar preocupado, pois, lendo LAMPIÃO, só irá a esses locais quem se sentir definitivamente atraído pelo ambiente. Escreva sempre pra gente, tá?

Rumo à Baixada Fluminense

Nem só de crimes vive a Baixada Fluminense. Também aqui existem pessoas sequiosas para ler as publicações da chamada imprensa independente. Infelizmente (se não me engano), o único jornal nesse estilo que encontramos a venda por aqui (assim mesmo só em alguns lugares) é o Pasquim. Se desejarmos qualquer outro, somos obrigados a nos deslocar até o Centro para adquiri-lo. Não sei a que se deve tal fato, mas asseguro que não é falta de leitores.

Não sei como se procede para distribuir os jornais, mas gostaria de fazer uma sugestão: existe no Shopping Center de Duque de Caxias uma banca de jornais chamada MARABÔ, que, além de vender as melhores revistas e jornais, fica aberta até tarde da noite e encontra-se muito bem localizada. Que tal tentar trazer o LAMPIÃO até aqui para clarear estas bandas ainda tão obscuras e fétidas?

Rita Foster-Brother
Belfort Roxo - RJ

R. — Ritinha, você é ótima. Faz parte de nossas obsessões chegar ao maior número possível de lugares, e a Baixada está bem aí, diante do nosso nariz. Avise ao pessoal: vamos falar com os donos da banca MARABÔ para colocar à venda o nº 3 de LAMPIÃO da Esquina. A partir do dia 26 de julho, todos ao Shopping Center de Duque de Caxias, OK?

LAMPIÃO é desnudado

Aos amigos do LAMPIÃO: Acreditamos neste jornal, ponto de luz em meio à imbecilidade das posições fechadas em relação à sexualidade em geral, e à homossexualidade em particular. Somos um grupo de homossexuais da Paulicéia Desvairada, que está se reunindo para conversar e discutir sobre a nossa sexualidade, a partir das nossas próprias vivências.

De conversa em conversa, nos surgiu o LAMPIÃO como tema, e desta idéia resultou uma reunião especial, motivada por muito chá e biscoitos. A nosso ver, o LAMPIÃO pode ser considerado (sem querer jogar confetis...) o único órgão da imprensa tropical realmente interessado no problema da sexualidade. Como leitores ligados ao jornal por opção, nos sentimos parte dele, criticando, comentando ou escrevendo a respeito.

O produto da nossa discussão não expressa uma posição unitária do grupo, mas posições dos seus participantes. Ao contrário do que possa transparecer pela divisão em tópicos, a discussão não seguiu nenhum roteiro; em meio ao nosso entusiasmo, quase todos os pontos foram abordados ao mesmo tempo. Nos itens que seguem, utilizamos quase sempre as próprias frases usadas por cada de um de nós, para que vocês possam continuar a discussão (faltam apenas o chá e os biscoitos).

Com este trabalho, temos a certeza de que estamos apoiando o LAMPIÃO. Apaixonados pela idéia, damos a maior força no sentido da sua existência como tribuna livre de preconceitos e posições gastas (vide a imprensa machista).

1 — As impressões gerais sobre o jornal: título, símbolo, capa e diagramação.

— O título é muito bom; a referência ao rebelde é muito bem colocado para um jornal como este; a rebeldia legítima de uma minoria (Lampião e seus "cabras"); também é muito boa a idéia de "acender uma primeira luz sobre a questão homossexual.

— Como "lembrança" ou "referência" às chamadas policiais dos jornais populares (O DIA, NOTÍCIAS POPULARES, etc.), a capa do nº 1 é inexpressiva e não chama a atenção; as cores utilizadas são visualmente "fracas"; a capa do nº zero é interessante, pois o vermelho é bem mais "chamativo".

— O símbolo do jornal, foi interpretado como a combinação de uma representação estilizada do rebelde com a representação de um falo; é uma coisa "fria", e não pode ser considerado feio ou bonito; é como se tivesse sido feito "em série"; a representação fálica é uma atitude agressiva e machista; é uma posição desrespeitosa em relação às mulheres.

— A diagramação do jornal é muito acadêmica; tudo é muito igual; os tipos de letras utilizados, as separações entre as secções e as indicações das secções.

2 — O jornal como um todo e a proposta do jornal:

— Até agora não está clara para alguns, a proposta do jornal; reflexão da indefinição do meio homossexual?; o jornal tem medo de decidir-se por "assumir" ser um jornal homossexual, e deixar para as outras minorias "transarem" os seus jornais?; a caracterização do jornal através do lançamento em boates gays, pelo fato de ter assinantes gays, e o fato de o jornal ser feito por onze bichas; é um jornal homossexual?

— O aspecto do jornal não estimula o leitor; a apresentação interna é muito "fria" e por isso o jornal lembra o Movimento; as seções não possuem uma "personalidade", chegando mesmo a transmitir a sensação de que o jornal não tem seções definidas; o nº 1 é muito "chato" para a leitura, e o nº zero é mais interessante; falta uma dose maior de emoção dentro do jornal e dentro dos artigos; deveriam haver mais reportagens (emoção) que ensaios (frieza).

— A semelhança com o Movimento, nos transparece do seguinte modo: "somos bichas, mas somos sérios (intelectuais)"; como uma desculpa pelo fato de serem bichas; o jornal deveria ser sério e descontraído ao mesmo tempo, como, por exemplo, o Pasquim dos velhos tempos.

— Apesar do propósito de transmitir uma imagem de herético, o jornal não consegue realizar esta proposta; resulta muito sério e "enquadrado" falta uma boa dose de senso de humor; o clima do jornal é demasiadamente sério; medo de cair no esquema dos jornais de "colunismo" gay?; esta seriedade acaba transformando o jornal em um veículo para poucos leitores.

— falta um clima de "provocação" no jornal; o jornal deveria comprar "brigas e atacar determinadas instituições; faltam confrontações; falta definir os "amigos" e os "inimigos" do jornal;

— o jornal tem medo de encarar a sua homossexualidade de frente; o homossexualismo é visto dentro dos problemas "mais gerais"; esta é uma tendência "esquerdista"; por exemplo, não fazer artigos sobre operários em greve, coisa mais para o Movimento; fazer um artigo dentro do ponto de vista do operário gay e suas contradições; medo de descambar para o "folclore"?

— faltam "cartuns" ou charges ou ilustrações para o jornal; não existem bons cartunistas gays?

— apesar de toda a seriedade, os artigos não conseguem atingir um bom nível de profundidade; os temas são tratados de modo pouco profundo.

— o nº zero transmite um clima de angústia para o leitor, que já tem razões de sobra para ser angustiado; isto acontece através de determinados artigos.

— o jornal está correndo o risco de se transformar em veículo de promoção pessoal para os seus editores; seria interessante que as pessoas evitassem de escrever sobre os seus próprios trabalhos; e que caso o fizessem, adotassem uma posição mais crítica em relação ao seu trabalho pessoal.

3 — Os artigos:

— de modo geral, existe uma indefinição em relação a quase todos os artigos do nº 1, e alguns se tornam de difícil entendimento pelo leitor; não fica clara a posição do autor; a matéria sobre o "Gaúcho"; o artigo sobre o carnaval baiano; o artigo sobre o Paraguassu; o texto sobre as saunas; todos apresentam ainda uma grande dose de frieza e distanciamento: por quê?

— o nº zero consegue ser mais interessante, exceto pelo artigo sobre a arte homoerótica no Brasil; é um texto que não leva a nada.

— o artigo sobre o Paraguassu não consegue se definir como sério ou engraçado; se é uma tentativa de humor, resulta fora de propósito; se é um artigo sério, fica sem interesse e é bastante desatual; seria um artigo para as bichas "se masturbarem"? com tal artigo, a manifestação dos padrões de macho é ratificada; é o macho impossível de ser alcançado pela bicha; com isto, o LAMPIÃO acaba se aproximando dos jornais de "colunismo" gay, que mistificam o macho, colocando-o como ser inatingível.

— em relação aos "bigodes do Rivelino" o jornal faz uma chantagem com o leitor; a capa apresenta uma chamada para uma matéria que não existe; falta uma explicação a respeito da ausência do texto sobre futebol; existiu, entre alguns leitores, a expectativa do artigo sobre a Copa como algo engraçado.

— a mesma indefinição do artigo sobre o Paraguassu transparece na matéria sobre as saunas; pretendeu-se esboçar uma seção de serviços? Neste caso não seria mais interessante elaborar um roteiro "entendido"?

4 — Sugestões para os próximos números:

— realizar um concurso entre os leitores para a escolha de um cartunista ou ilustrador; um concurso de humor para o jornal; por quê não tentar o contato com Patrício Bisso para tal fim?

— talvez o problema da "seriedade" das pessoas do jornal, que transparece nos artigos, pudesse ser resolvido com a entrada de alguém "menos sério": Celso Curi, por exemplo.

— fazer uma "estorinha" em quadrinhos com os estereótipos; a bicha assumida e a enrustida.

— a publicação de entrevistas com homossexuais e não homossexuais, mas aliados, deveria ser matéria constante em todos os números.

— seria muito útil que o jornal se colocasse como correspondente de algumas publicações gays internacionais; realizasse transcrições e traduções de artigos importantes etc; por quê não se faz uma assinatura da Revista Lux?

— um horóscopo "bicha" para o jornal.

— para Aguinaldo Silva: sugestão de uma mesa-redonda com jornalistas policiais; sobre a caracterização do indivíduo como homossexual em crimes sem a menor relação com a sexualidade, na tentativa de eliminar esta prática de grande imprensa.

São Paulo, junho de 1978

De frentes e querelas

Gente, sou eu de novo. Só para dizer umas duas ou três coisas ao leitor José Alcides Ferreira, presente às Cartas do nº 2.

José, meu caro, pra que tanto piche? Certo., LAMPIÃO veio nos tirar do buraco em termos de imprensa, mas não creio que as causas desse buraco sejam as que você cita. Vejo causas outras para o progressivo afundamento da imprensa guei e, se você pensar um pouco, talvez chegue ao mesmo. De qualquer modo, não estará você sendo um pouco venenoso ao chamar os responsáveis por alguns jornais entendidos (vivos e falecidos) de "camarilha machista?" Todos nós tendemos a depreciar o que não nos agrada, mas negar ao "Tiraninho" a qualidade de pioneiro é, no mínimo, injusto. Pioneiro, José, ele é só por ter sido o primeiro. Qualidade é outro capítulo.

Outra coisa: você cai de porrada nas bichas com uma fúria de fazer vibrar o líder da TFP! Pense um pouco. Será que essas pessoas (sim, são gente também) não estão com todos os seus "artefatos de consumo e tiques ridículos", tentando vingar as múltiplas agressões com que a sociedade lhes salga a vida? Não estarão pondo para fora em trajes e gestos tudo o que são obrigados a esconder no dia a dia? Você pode dizer que é uma vingança frustrada, um desabafo inúltil. Vá lá. Só que nem todos chegaram a esse nível de consciência. Somos, no geral, um povo atolado até o pescoço no mangue do subdesenvolvimento cultural (e outros). Não é realista exigir do homossexual brasileiro (que é povo e, portanto, amostra cultural, nem mais nem menos) um nível de conscientização como o do americano ou europeu (que nem é tanto assim — também lá há a "bichórdia"). Não é sério querer que todos os entendidos sejam Winston Leyland.

Finalmente, José, não acha você que seria melhor nos compreendermos e aceitarmos uns aos outros, cada um como é, e unidos partir na luta pelo futuro a que temos direito, em vez de estarmos a nos desancar mutuamente no LAMPIÃO? Sonho com uma imprensa guey que nos traga a força pela união, e não a fragilidade pela cizânia; é tempo de Frentes, José, não de querelas.

P. Camargo
São Paulo — Capital

Alegria, alegria

Eu queria colaborar de alguma forma com vocês e não sabia como. Aí me lembrei dessa foto, que eu fiz na porta do meu prédio, em Copacabana, no dia do jogo Brasil e Polônia. Acho que consegui flagrar a tal "liberação de sentidos" que, dizem, é provocada pelo futebol; será isso aí? Infelizmente a alegria durou pouco, pois logo depois os argentinos lavaram a alma no jogo contra os peruanos. Mas, pelo menos nesse caso, a gente pode imaginar como a festa terminou; todo mundo muito louco...

Mário Duarte
Copacabana — Rio

R. — Pois é, Mário, a liberação dos sentidos é um perigo; as pessoas acordam sempre com dor de cabeça no dia seguinte e se perguntando, cheias de tormentos: "Meu Deus, o que foi que eu fiz"?

Cartas que vieram de longe

Continuem com estas entrevistas, igual a esta que veio no nº 2, principalmente com artista, mesmo que não seja gay (...) Agora, lendo este jornal, não mais me sito como carta fora do baralho, antes eu me sentia complexado perante todos, agora é diferente. Viva o LAMPIÃO da Esquina. Desculpem-me os erros, não sou muito de escrever cartas e nunca escrevi para jornais ou revistas. Bola pra frente, gente.

A.D.F.
Osasco — São Paulo

Gostaria de ler no próximo número (se possível) uma reportagem sobre o gay power de Belo Horizonte. As coisas por lá andam acontecendo e com força. (...) Quem duvidar e quiser ver, dê uma passadinha nas (pacatas?) cidades de Governador Valadares, Caratinga, Muriaé e Ipanema. Nelas dificilmente um entendido fica só por muito tempo.

M.S.A.F.
Coronel Fabriciano — Minas Gerais

(...) E depois, Olinda tem tradição; basta pesquisar a História do Brasil — mas pesquisar com olhos de ver, e não guiado pelos compêndios oficiais —, para descobrir que a cidade, ao contrário do que se diz, sempre foi muito informal. Negros, índios, portugueses, é claro que dessa mistura só poderia sair samba (ou melhor, para ficar com minhas raízes: sair frevo).

J.G.F.
Olinda — Pernambuco

(...) Desculpem o meu jeito, mas é que a minha cidade tem mesmo esse nome esquisito. As coisas aqui nos confins do Paraná andam péssimas, é uma região bastante conturbada, muitos posseiros, grileiros, uma loucura. O resultado é que a gente acaba produzindo coisas como esse ecritor Domingos Pellegrini Jr., que seria muito bom se não fizesse o gênero machão-paca. Só não entendo como é que o Caio Fernando Abreu pode ser tão amigo dele, o Caio, divino...

S.V.L.
Rolândia — Paraná

Comprei o jornal numa banca de revista, aqui em Campina Grande. Mal pude acreditar no que meus olhos viam. Li de ponta a ponta, de uma só vez, com uma dor no estômago. Oh, my god, mas o que está acontecendo? Será essa a tal abertura democrática, a gente poder comprar na esquina de casa um jornal de divinas tias? Digam que não estou sonhando, confirmem que LAMPIÃO chegará a Campina Grande todos os meses; garantam. (...) Vou escrever para vocês todos os meses.

M.C.L.
Campina Grande — Paraíba

EU AMO VOCÊS!
Ângela D.
Assis São Paulo

R. — Que loucura, gente. Essas cartas que nos chegam dos lugares mais inesperados (Rolândia? Alguém disse Rolândia?), que emoção. Gostaríamos de tornar menos precária a nossa distribuição, para chegar a todos vocês com mais tranqüilidade. Infelizmente, distribuição no Brasil é piada, pois os esquemas ainda são os mesmos dos tempos áureos de O Cruzeiro. Mas fazemos o possível; um dia, como costuma dizer João Antônio Mascarenhas, cobriremos do Oiapoque ao Chuí...

Rodando a baiana

Querido LAMPIÃO, venho comunicar-lhe que estou de posse do seu nº 2. Está simplesmente excelente. O artigo de Mascarenhas sobre o "assumir-se" está de um equilíbrio louvável, colocando sempre em evidência o fato de que, muitos homossexuais simplesmente passariam fome se assumissem na atual conjuntura de suas vidas, apesar de sabermos de todas as vantagens pessoais (em termos de equilíbrio emocional, principalmente) que se tira daí. Já o nosso querido Trevisan foi clarividente acerca da Convergência Socialista. A moralidade presente nesta "esquerda" é às vezes pior que a da Igreja do Medievo. E quanto às mulheres e aos negros que estavam na reunião da Convergência e que disseram que estavam dispostos a esquecer suas reivindicações, são antes de mais nada alienados, no sentido exato do termo. Alienados de sua condição primeira. A "Luta Maior" é sem dúvida a mais importante historicamente. Só que, no bojo da luta maior não se pode desprezar a individualidade de cada um (vide todas as revoluções que se autoproclamaram socialistas), senão saírmos de uma opressão para entrar em outra. Principalmente as mulheres que, para estes líderes revolucionários da esquerda autoritária, não servem para outra coisa senão para "repouso do guerreiro". A condição da mulher nos países ditos "socialistas" é mais humilhante até do que por aqui, porque neles se está traindo diariamente um pricípio que gerou a revolução: a igualdade entre todos.

Mas ainda não chegamos ao principal: a propaganda que você, meu querido LAMPIÃO, fez da tal de "imprensa independente". Eu antes de jogar o epíteto "independente", perguntaria antes: independente de que? De quem? Porque pode ser independente de uma coisa e ser por demais dependente de outra...

Trevisan neste seu mesmo nº 2, LAMPIÃO, nos conta que Versus e Movimento se recusaram a publicar a matéria sobre o Leyland por razões morais. Nos conta ainda que o Beijo se recusou por pura sacanagem. Ora, você sabendo de tudo isto ainda publica uma propaganda desta imprensa em suas páginas? Você está parecendo Bicha-burra LAMPIÃO! Esse tipo de imprensa não é independente coisíssima nenhuma, muito pelo contrário. E bota contrário nisso! São preconceituosos, pedantes e antes de mais nada, pequeno-burgueses.

Você acaba fazendo o papel de Ney Matogrosso que apareceu no Interview (virgem maria!) abraçado com Chico Buarque de Holanda. O mesmo Chico que foi a Cuba no maior folclore. A mesma Cuba que mandou os homossexuais para campos de concentração agrícolas. Os mesmos campos que dizimaram milhares de homossexuais. A mesma Cuba que perseguiu intelectuais (não só homossexuais) como a Santa Inquisição, apenas porque estes divergiam dos dogmas de Papai Fidel (que posa de machão com um charuto fálico na boca; que come Gina Lolobrigida numa clara alusão à função da mulher na vida de um "líder" como ele).

Carlos Québec
Salvador - Bahia

R. — É, Québec, Winston Leyland é quem tem razão; para um homossexual, a atuação a nível político é duas vezes mais complicada. Isso fica bem claro na sua carta, que é muito oportuna quando fala na esquerda autoritária, mas complica demais ao misturar Ney Matogrosso com revolução cubana (o único ponto de contato entre as duas é a rumba Cubanacan). Quanto ao anúncio da "imprensa independente" em nossas páginas, foi apenas uma brincadeira, que pensávamos ser sutil mas perceptível. Uma brincadeira como LAMPIÃO inteiro, uma vastíssima brincadeira, pois tudo o que nós queremos (ai, que preguiça!) é vadiar. É claro que a gente fecha com alguns daqueles jornais. Mas — e isso mostra como nós somos saudáveis — o importante é que nenhum deles fecha conosco.

P.S. — Bicha-burra é a mãe.

O Maricas

Abelardo Castillo, um dos escritores atuais mais estimulantes da Argentina, à lucidez e ao estilo que, como tantos outros hispano-americanos, soube cristalizar a partir de Borges, soma uma ágil juventude que lhe dá cativante intimidade com a prática da vida. "O maricas", extraído de seu primeiro livro, "Las otras puertas", embora sem um tema diretamente homossexual, é a meu ver o melhor conto curto que existe sobre o assunto. Na sua rapidez, o coloca moralmente inteiro, com a tensão artística e a trágica serenidade devidas às grandes questões humanas. Pois o homossexualismo, mais que um caso apenas dos que o praticam, é um dos primeiros temas de todos nós. E decisivo. Dize-me como encaras **um homossexual** **e te direi quem és.**

Escuta, César, não sei por onde andas agora, mas bem gostaria que lesses isto. Sim. Pois há coisas, palavras, que a gente leva conosco como mordidas, toda a vida, mas uma noite sente que deve escrevê-las, dizer a alguém, porque, se não diz, continuarão aí, doendo, cravadas na vergonha para sempre. Sim, sinto que tenho de te dizer. Escuta.

Você era diferente. Um desses meninos que não conseguem urinar com alguém ao lado. Lembro que, na lagoa, nunca ficavas nu diante de nós. Eles riam, e eu também, claro, mas lhes falava que te deixassem, que cada um é como é. E você era diferente.

Vinhas de um colégio de padres, e São Pedro devia te parecer, não sei, algo como Brobdignac. Não gostavas de subir nas árvores, nem quebrar faróis com pedradas, nem apostar corridas para baixo entre as moitas do barranco. Já não recordo como foi.

Quando pequeno, se encontra qualquer razão para gostar das pessoas. Só recordo que logo éramos amigos e sempre andavamos juntos. Uma manhã até me levaste à missa. Ao passar na frente do café, o foguinho Martinez nos gozou: "Olha os noivos..." Teu rosto ficou em chama e eu fiz meia volta, xingando-o e lhe dei de lado um soco nos dentes tão forte que machuquei a mão. Depois, querias pôr um curativo, me olhavas.

— Te feriste por mim, Abelardo.

Quando falaste, senti um frio nas costas. Pegava a minha mão e as tuas eram brancas, finas. Não sei. Excessivamente brancas, excessivamente magras.

— Solta — disse.

Quem sabe não eram as tuas mãos, mas tudo, tuas mãos, teus gestos, tua maneira de se mexer, falar. Agora penso que antes também entendia isso, e falei mesmo alguma vez que tudo isso não significava nada, era questão de educação, de andar sempre entre mulheres, entre padres. Mas eles riam e eu também, César, acabava rindo, rindo de macho que se é e o tempo passa e uma noite se torna necessário lembrar e dizer tudo.

Fomos inseparáveis. Até o dia em que aquilo se deu, te quis de fato. Inexplicável e obscuramente, como querem os que ainda estão limpos.

Gostava de auxiliar-te. Ao sair do colégio, iamos na tua casa e te ensinava o que não tinhas compreendido.

Conversávamos. Era fácil te contar e escutar o que para os outros a gente não fala. Às vezes me fitavas com uma espécie de perplexidade, um olhar diferente; talvez o mesmo com que eu não me atrevia a te fitar. Uma tarde disseste:

— Sabes, te admiro.

Não pude suportar os teus olhos. Olhavas de frente como as crianças e dizias as coisas do mesmo modo. Era isso.

— É um maricas.

— Não há de ser por nada que tanto cuidas dele...

E riam-se. E dava vontade de gritar que todos nós juntos não valíamos a metade do que ele valia, do que tu valias, mas naquele tempo a palavra era difícil e o riso fácil. E também se aceita, também se escolhe e acaba, se sujando desejando a brutalidade desta noite, quando vem o negro e diz que lhe deram uma dica. Uma dica, diz, lá nas Quintas tem uma gorda que cobra cinco pesos, vamos e já aproveitamos para fazer o machão debutar, o César. E eu disse bacana.

— César, hoje de noite vamos sair com os rapazes. Quero que vás junto.

— Com os rapazes...?

— Sim. Que é que há?

— Bem. Vamos.

Pois não só disse bacana como te levei enganado. E fomos. E te deste conta de tudo quando chegamos no rancho. A lua enorme, lembro, alta entre as árvores.

— Abelardo, tu sabias.

— Cala a boca e entra.

— Tu sabias!

— Entra, te digo.

O marido da gorda, grandão como a porta, nos encarava velhacamente. Disse que eram cinco pesos. Cinco por cabeça, guris; sete vezes cinco, trinta e cinco. Ver a cara de Deus, tinha dito o negro. Do quarto saiu um menino, teria quatro ou cinco anos. Secando o nariz, passava as costas da mão pela boca. Na minha vida não hei de esquecer esse gesto. Seus pezinhos descalços tinham a mesma cor do chão de terra.

O negro tomou a frente. Eu sentia uma coisa, uma bola no estomâgo. Não me atrevia a te olhar. Os outros soltavam piadas brutais, brutais fora do costume, em vozes de segredo. Estavam, estávamos todos, assustados como loucos. Do Roberto o fósforo tremia quando me deu fogo.

— Deve estar toda suja.

Depois o negro saiu da peça e vinha sorrindo. Triunfador. Abotoando-se.

Nos piscou um olho:

— Passa tu, Cacho.

— Não, eu não. Eu depois.

Entrou o Foguinho, depois Roberto. E quando saíam, saíam diferentes. Saíam, não sei, saíam homens. Sim. Era a impressão que eu tinha.

Depois eu entrei e quando saí, tu não estavas.

— Onde está o César?

— Fugiu.

E o gesto, um gesto que podia ser idêntico ao do negro, me gelou na ponta dos dedos, na cara. O vento do pátio apagou-o, pois logo eu estava fora do rancho.

— Também te assustaste, guri.

Tomando chimarrão contra uma árvore, vi o marido da gorda, com a criança brincando a seus pés.

— Que susto nada. Estou procurando o outro, que foi embora.

— Se mandou por ali — com a mesma mão que sustinha a cuia, indicou o lugar. E a criança sorria. E a criança também disse pul ali.

Te alcancei diante do Matadouro Velho; ficaste em defesa contra uma cerca. Me olhavas. Me olhavas sempre.

— Tu sabias.

— Volta.

— Não posso, Abelardo, te juro que não posso.

— Volta ou te levo a pontapés no rabo.

A lua grande, não esqueço, branquíssima lua de verão entre as árvores, e tua cara de tristeza ou vergonha, tua cara de me pedir perdão, a mim, tua bela cara iluminada de repente desfeita. A mão me queimava, mas era necessário bater, machucar, sujar-te para esquecer aquela coisa como um orgulho que me afogava.

— Bruto — disseste — Bruto de merda. Te odeio. És igual, és pior que os outros.

Não te defendeste. Levaste a mão à boca, como a criança ao sair do quarto.

¡Quando te afastavas, chorando, tropeçando, ainda consegui dizer:

— Maricas. Maricas de merda.

E comecei a gritar essas palavras.

Escuta, César. É preciso que leias isto. Porque há coisas que se levam como mordidas, avivadas pela vergonha a vida inteira, há coisas pelas quais a gente sozinho se cospe na cara diante do espelho. Mas de repente, um dia, tem de dizê-las, confessá-las a alguém. Me escuta.

Aquela noite, ao sair do quarto da gorda, eu lhe pedi que, por favor, não contasse aos outros.

Porque aquela noite eu não pude. Eu também não pude.

Abelardo Castillo
Nota e tradução de
Paulo Hecker Filho